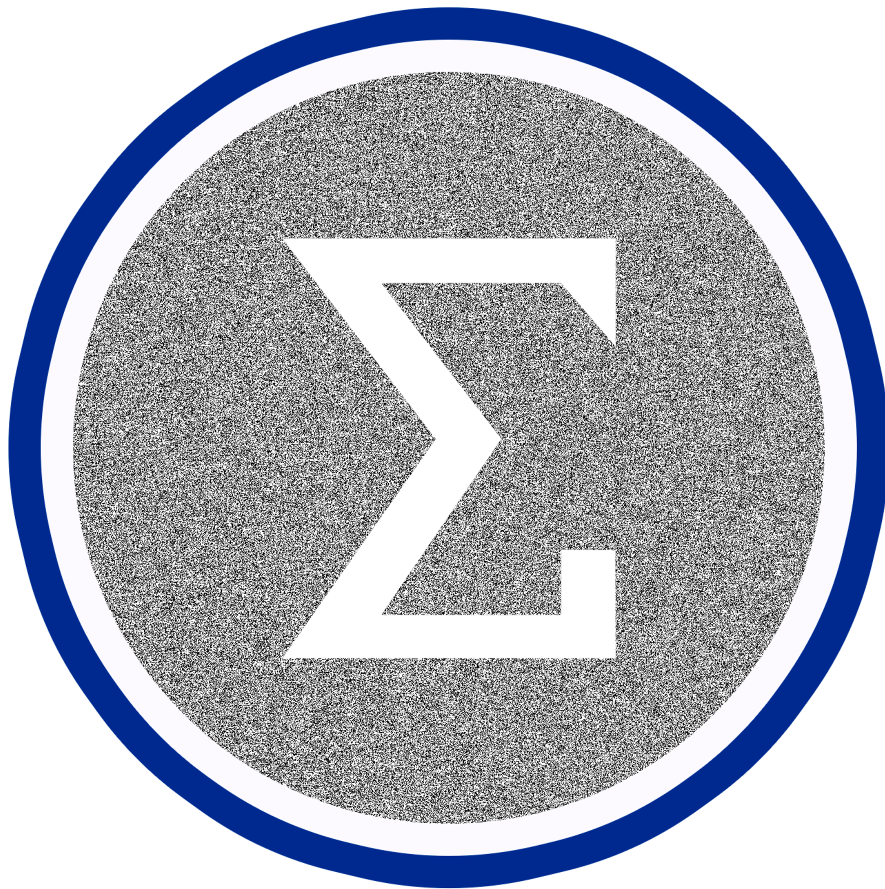
PLÍNIO SALGADO

A DOUTRINA DO SIGMA



ÍNDICE

Aos que sofrem a dor dos desencontros

Este livro é dedicado a todos os que, em nossa Pátria, se desiludiram das revoluções vitoriosas;

a todos os que amargam na dor das revoluções vencidas, não porque não suportem heroicamente a derrota, mas porque se viram vendidos pelos seus chefes ao adversário;

a todos os que conspiraram em intenções frustradas pelos motivos que não puderam compreender;

a todos os que, tendo errado tantas vezes, continuam a marcar encontros, a perder dias e horas em confabulações estéreis com elementos os mais heterogêneos;

a todos os que têm acreditado em homens, esperando que a solução de problemas que exigem estudo possa vir pela varinha mágica de um Messias;

a todos os que dedicam esperanças na ação de um homem qualquer do governo, sem a organização demorada e sistemática de uma corrente de opinião cristalizadora de uma consciência-nacional;

a todos os que aguardam "pronunciamentos" militares sem base doutrinária e sem contato profundo com a população civil do país;

a todos os que confiam exclusivamente nas "armas" e não procuram criar a força das "almas";

a todos os que, em todas essas situações, sofrem, torturam-se, afligem-se, enquanto outros, frios e comodistas, não se alteram, não se preocupam senão com o seu bem estar.

Σ

A todos esses meus irmãos-em-Brasil, que andam espalhados, em caminhos diferentes, alguns até sem nenhuma simpatia por mim, outros,

possivelmente, meus inimigos, porém cada um carregando esta mesma angústia, que já não me larga há muitos anos, que me tortura cada vez mais, é a eles que dedico este livro.

Não lhes direi que o faço alegremente, pelo contrário, no instante em que escrevo esta linha, eu sinto, na solidão e no silêncio da madrugada, o desamparo de uma Pátria, cujos filhos se dividiram, se enfraqueceram em mútuas incompreensões. Neste instante só Deus me vê e só Ele sabe do meu grande sonho, que é despertar os meus patrícios para que eles construam a Nação que devem legar aos seus filhos e netos.

Meus patrícios! Vós sois a procissão dos desencontros.

A crise do pensamento, a desordem dos sentimentos, a anarquia dos impulsos constituem a causa das desgraças nacionais. O problema da ordem não é problema de polícia: é um problema de cultura.

Nesta hora em que o banqueirismo internacional, de mão dadas com o comunismo soviético, tonificados pelo único clima em que podem viver (o da liberal-democracia), através de todas as manobras indiretas de que são férteis, levantam-se contra o Integralismo — força viva da Pátria — e assaltam os últimos redutor da soberania nacional, este livro é mais um apelo que ergo e que, ao mesmo tempo, entrego à justiça da História.

Porque um dia, meus patrícios, estas páginas serão lidas por aqueles, cujos passos ainda ressoam longe, e que chegarão à hora certa para receber a herança do Presente.

Σ

E é um engano pensarmos que o Futuro virá ao nosso encontro, porque ele vem detrás, é a nossa retaguarda, são as gerações, que estão nascendo e às quais teremos de entregar um Brasil. Que Brasil?

O Futuro sorri nos berços. Absurdo será confiarmos nele porque ele é que tem de confiar em nós. Uma só é a estrada do Tempo, e o Passado é o seu pioneiro. Pensai no "segundo" que se ecoa, no mistério que há nos gritos dos pêndulos, comandando, cadenciando esta marcha. Pensai na responsabilidade desta marcha. Compreendereis, assim, que o destino de um Povo procede, não do minuto que virá, mas do minuto que passa.

E que tendes feito, patrícios, senão perder os minutos, em vossas divergências, em vossas confabulações estéreis, em vossas preocupações secundárias. em vossas paixões que vos distraem, quando mister se faz que plasmeis no tempo as horas futuras e quando essa criação de ritmos exige a conjunção das forças numa unidade de consciência suscitadora de um sentido de harmonia?

Como pode haver nação, se não a quereis construir?

Σ

Colocai vossas mãos na argila do Tempo Eterno e arrancai dos limbos amorfos a expressão da força e de grandeza nacionais, que legareis a vossos filhos.

Sois capazes disso. Ninguém vos tinha falado, mas eu vou afirmo, brasileiros, dedicando-vos estas páginas. Erguei-vos e começai a Grande Construção.

Plínio Salgado
S. Paulo, 5 de Julho de 1935.

I
Sentido e ritmo da nossa revolução

A Ação Integralista Brasileira é um movimento revolucionário, não no sentido comum que se empresta a esta expressão, porém num sentido mais alto e profundo.

Quando falamos "revolução integralista" não nos referimos à arregimentação das forças heterogêneas e confusas, tangidas unicamente pelos descontentamentos coletivos e objetivando exclusivamente o assalto ao poder. Este movimento, que é o maior do mundo em extensão geográfica, abrangendo um território igual ao da europa, e que é o mais impressionante da História Pátria, desde o descobrimento, é, também, como fenômeno espiritual, o mais expressivo dos tempos modernos, assim como é o mais tipicamente cultural de todos os movimentos sociais e nacionalistas contemporâneos.

A revolução integralista se processa em dois planos simultaneamente:

1. O plano espiritual mediato;
2. O plano cultural imediato.

No plano cultural, o objetivo é imediato, porque o Brasil necessita, desde logo, de uma transformação do Estado, mediante a qual poderemos, como queria Alberto Torres, assumir nova atitude em face dos problemas.

A Revolução Espiritual

Seria ridículo que nós nos apresentássemos à Nação, dizendo: “somos os homens perfeitos, somos os únicos honestos, somos os santos e os heróis, só a nós assiste o direito de governar o país”. Essa atitude de orgulho é que tem posto a perder todos os que julgaram salvar o Brasil mediante simples revolução de quadros, simples mudança de homens. Em 1930, brasileiros bem intencionados, porém tentados pelo demônio da vaidade, apresentaram-se à Nação como os “puritanos da Pátria”. Esse espírito de puritanismo não permitiu que os problemas nacionais fossem estudados na sua complexidade e nas suas mais profundas raízes, criando-se, apenas, o mito da “moralidade administrativa”, que, sendo um dever, não pode ser objeto de programa.

O Integralismo sabe que o Brasil não é um país de santos canonizados nem de anjos pulcros. A doutrina do integralismo, em relação às questões de Estado, não vai buscar a sua inspiração no otimismo de Rousseau e de Locke. Pelo contrário, somos pessimistas em relação à possibilidade de uma instantânea transformação dos homens, repousando toda a nossa esperança imediata na transformação do regime, de modo a policiarmos as tendências más que uma educação materialista agravou no país. Não vamos aos excessos pessimistas de Hobbes, imaginando o Leviatã, o Estado absorvente, anulador de todas as liberdades. Conservamo-nos na linha realista, crentes de que uma obra sistemática de educação individual e das massas elevará a média das virtudes morais

e cívicas do povo brasileiro, cuja estrutura mais íntima nos revela traços de superioridade incontestável.

Essa obra de educação é que nós chamamos a “revolução espiritual” e é em razão dela que nos distinguimos tanto do Fascismo como do Hitlerismo, imprimindo um sentido profundo ao nosso movimento.

Fariseus e publicanos

Há no Evangelho uma parábola que serve para ilustrar o nosso pensamento. É a do fariseu e do publicano. Enquanto aquele vai se ajoelhar próximo ao altar, vangloriando-se de suas virtudes, da sua incorruptível maneira de cumprir a lei de Moisés, o pobre publicano ajoelha-se na porta do templo de Salomão, exclamando: “Não sou digno, Senhor, de me aproximar de vós”. O Divino Mestre afirma que o publicano está no caminho da perfeição e esse é o caminho que eu indico a todos os integralistas.

O primeiro ato revolucionário do Integralista é assumir essa atitude humilde diante da Pátria. Em vez de viver apontando os defeitos e corrigi-los. Confiar mais no gênio da raça e na inspiração de Deus do que nos seus próprios méritos. Ferir de morte a vaidade, aceitando muitas vezes o comando de um companheiro que tem uma posição social inferior à sua. Vencer a si próprio, contrariando-se, ciliciando-se a todo instante em coração e espírito, convencido de que num país onde cada qual é intransigente no seu ponto de vista pessoal, não existe possibilidade de harmonia de movimentos nem de grandeza coletiva da

nacionalidade. Dominar o comodismo, a preguiça, o ceticismo, a desilusão, o cansaço, a impetuosidade, o egoísmo, o apego às glórias falazes, convencido de que ninguém tem o direito de pretender orientar uma Pátria, quando não é capaz de governar-se a si própria. Esforçar-se, instante, na aprendizagem do domínio de si mesmo, pois é neste domínio que reside a essência da autoridade pessoal de cada um. Cultivar o amor ao seu povo e a generosidade para os que se manifestam incapazes de compreender este movimento, porque a conquista de todos brasileiros muito depende da perseverança, da paciência, da tenacidade e serenidade dos nossos doutrinadores. Despertar em si próprio as forças do sentimento nacional porque a fusão de todas as centelhas de patriotismo de cada coração formará a fogueira que incendiará o grande coração da Pátria Total. Pedir a Deus coragem e paciência, fortaleza e inspiração, energia e bondade, severidade sem alarde, bravura sem ostentação, virtude sem orgulho puritanista, humildade sem indignidade e dignidade sem egolatria.

Luta subjetiva e ação objetiva

Essa é a revolução interior, a revolução espiritual. Nós sabemos que ela se processará devagar, porque estamos encharcados dos vícios de uma educação materialista, de uma educação farisaica de catonismos hipócritas em que se esfacelou uma República que confiou mais nos doutores da lei do que na realidade da Pátria e nas profundas verdades humanas.

Sei que essa Revolução Espiritual durará muito tempo e o seu triunfo completo só se dará nas futuras gerações. É por isso que, paralela a essa transformação do espírito nacional, estamos acionando a Revolução Cultural. Há no Integralismo uma revolução subjetiva e outra objetiva.

Transformação do Estado

Não podemos nos cingir exclusivamente à transformação espiritual, porque temos problemas imediatos e, principalmente porque, dentro do atual regime, tudo se tornará mais difícil para atingirmos os objetivos morais que colimamos. Enquanto a revolução espiritual se processa, por assim dizer, numa progressão aritmética, a outra, a revolução cultural se opera numa progressão geométrica. Os resultados que iremos obtendo, em síntese, podem ser comparada a razão logarítmica das duas revoluções.

O problema da transformação do Estado subordina-se a uma concepção filosófica da qual decorrem as soluções dos problemas político e econômico. Partimos do princípio da autoridade moral do Estado, do conceito ético do Estado. Esse princípio se origina da própria concepção do Universo e do Homem, encarados do ponto de vista totalitário, ou Integral. A subordinação do mundo da matéria e da força ao mundo do espírito e da vontade. A síntese das concepções científica e espiritual que marcam os aspectos das filosofias da Idade Média e do século XX. Repelimos todas as unilateralidades tão características do século passado. Assim fazendo, não condenamos de um modo absoluto, os esforços prodigiosos dos pensadores,

sociólogos e economistas do século XIX. Entendemos que cada corrente se colocou num ponto de vista restrito. A sociedade tem de ser encarada de um modo total não só em relação a seus aspectos formais, porém à natureza e direção de seus movimentos.

Não ficamos com aqueles que, como Spencer, subordinaram tudo à sistematização do evolucionismo darwiniano, justificando as opressões da burguesia contra os trabalhadores; nem com aqueles que, como Le Play, Ratzel, Demolins, pretenderam ver na geografia social a única chave dos problemas políticos; nem com aqueles que, como Gobineau ou Gumplowicz, apontavam toda a solução do problema étnico no mistério das plasmas germinativos; nem com Karl Marx, que considerou uma única face do Homem, a face econômica, e muito menos com Adam Smith, precursor de Marx, que acreditou no dogma das leis naturais em economia; nem com Sorel que reduziu tudo a luta de classe; nem tão pouco com aqueles que negaram a luta de classe.

Nós, integralistas, somos homens do século XX, ao passo que os liberais, os comunistas, os reacionários da extrema-direita, os socialistas timoratos, os republicanos positivistas, os cientificistas políticos são homens de uma época que se assinalou pelo sentido da análise.

Vivemos hoje uma época de síntese. Quando as ciências se encontram todas no recesso dos átomos, quase se confundindo a química com a astronomia, a velha verdade de Aristóteles surge do fundo da misteriosa harmonia da gravitação dos iônios, mostrando-nos em todas as expressões do Universo a diferenciação, na unidade.

Essa forma de mentalidade nova abre novos horizontes aos problemas políticos. O conceito revolucionário ganha uma nova significação, como direito do Espírito a transformação permanente do Estado, guardada a lei étnica fundamental e objetivando o destino supremo do Homem, segundo uma concepção espiritualista da existência.

O Estado passa a ser o Grande Revolucionário, falando em nome das inquietações, dos desejos, das aspirações superiores, dos sentimentos da justiça da Nação. O Estado adquire, assim, uma autoridade nova, sobrepujando aos interesses de grupos sociais, políticos ou econômicos. O Estado passa a ser o supervisionador, o mantenedor de equilíbrios, a concretização do ideal de justiça e de liberdade, o criador dos ritmos sociais.

Consequências da nova concepção do Estado

Uma vez que o Estado se identifica com a alma de uma Nação e haure desta o poder revolucionário, ele, o Estado, tem o direito e a autoridade suficientes para interferir com energia no campo econômico e social, político e financeiro,

recompondo equilíbrios, sempre que alguns elementos se hipertrofiem em detrimento de outros.

É a atitude nova em face dos problemas. Revolução, em verdade, é mudança de atitude.

Verificando que a democracia está desvirtuada por erros do sistema; que o sufrágio universal é a maior das mentiras, a fonte de todo o caudilhismo político, o instrumento da opressão dos ricos contra os pobres; que a existência dos partidos decorre do sufrágio e que os partidos são hoje em número tão grande (150 inscritos no Superior Tribunal Eleitoral) que só servem para anarquizar a Nação, enfraquece-la, dividi-la e alimentar a popularidade fácil de demagogos inconscientes; que a maior enfermidade do país é o regionalismo político, alimentado pelos partidos situacionistas e oposicionistas dos Estados, que não dão tempo aos brasileiros de pensar um pouco nos problemas gerais da Nação; que os problemas econômicos são tratados pelo critério exclusivamente estadualista, em consequência da estreita mentalidade que os partidos provincianos estão criando; que o povo brasileiro está dividido, e por isso, enfraquecido, não podendo opor-se à exploração do capitalismo estrangeiro; que os parlamentos políticos constituem um entrave às medidas de ordem econômico-financeira que só um governo forte, ético, baseado em novos princípios de economia política, poderá tomar: — o Estado Integralista terá de substituir, imediatamente, afim de salvar a verdadeira democracia das garras oligárquicas financeiras, o arcaico aparelhamento

dos partidos pela organização corporativa da Nação. Declarados os partidos fora da lei, cada brasileiro terá de se enquadrar dentro da sua profissão. A vontade nacional será traduzida com honestidade e realidade, no âmbito dos interesses de cada classe. Só os vagabundos ficarão de fora, pois todo homem que trabalha terá de defender seus interesses dentro da sua corporação. Estará acabada a demagogia tanto civil como militar, ambas perniciosas, ambas atentatórias dos legítimos direitos de um povo, ambas opressoras, ambas fontes de caudilhismo, das oligarquias, da politicagem mais grosseira e pretensiosa.

Isso feito, a Nação estará em condições de olhar de frente, cara a cara, o banqueirismo internacional, dizendo a palavra que ainda não foi dita, desde que nos amarramos ao pé da mesa dos magnatas de Londres, há mais de cem anos. O Estado Nacional Integralista poderá então iniciar a revolução da moeda, fundamental para a libertação de uma Pátria, de um povo de 40 milhões de habitantes e entravado na sua produção, no seu comércio, na incrementação de suas fontes de riqueza por um sistema absurdo que vem sendo posto em prática desde o alvorecer do século passado, com o fim exclusivo de facilitar as especulações indecentes das Bolsas, o jogo criminoso do câmbio, a elevação das taxas de juros, a escravização de todos os produtores.

Longo seria expor os pormenores dessa grande revolução econômica; entretanto, estamos certo, nós, os integralistas, de que, dentro do atual regime, não haverá jeito algum de solucionar-se o problema financeiro do país.

Nem o problema financeiro, nem o da justiça social. A social-democracia, implantada no Brasil pela Constituição de julho, nunca resolveu as questões de outros países; pelo contrário, agravou-as; A questão proletária no Brasil se entrosa com todas as outras questões de ordem econômica, financeira, ética e jurídica. Os socialistas no Brasil são da marca daqueles a que se refere Durkheim, dizendo que para eles o socialismo é apenas a questão operária. Nós, integralistas, sabemos que o caso operário no Brasil terá de ser resolvido no conjunto que forma o quadro totalitário dos problemas nacionais.

Visões unilaterais

Aliás, a unilateralidade é ainda um vício remanescente do século XIX, que temos de corrigir nos brasileiros. Muitos pensam que a solução do nosso caso está, por exemplo, na questão dos transportes; outros que ela está na questão do café; outros só pensam no combustível, outros julgam encontrar a chave no livre-cambismo, ao passo que outros são protecionistas. Muitos acham que a alfabetização é o único problema, outros só falam no saneamento. Alguns só pensam no quadro econômico, outros só pensam no quadro moral e religioso. Muitos reduzem tudo a uma questão de moralidade administrativa. Há os fanáticos do problema dos latifúndios como há os que só se preocupam com a organização cooperativa. Observo que a tendência geral tem sido a de subordinar as questões mais complexas a um fator único. Essa mentalidade os integralistas têm de combater, justamente porque sua doutrina é totalitária, é integral. Todos os

problemas se reduzem a um só: o problema do Brasil. Tudo tem de ser enquadrado num só pensamento e subordinado a uma única orientação geral e supervisionadora.

Os integralistas estudam

Orientada pelos grandes lineamentos doutrinários do Sigma, adotando um método crítico próprio e objetivando uma finalidade política pré-estabelecida, funciona em intensa atividade, a nossa Secretária Nacional de Estudo. Dividimos as tarefas segundo as especialidades. Orientamos as pesquisas, o trabalho das comissões num só sentido. Em todas as Províncias funcionam as Secretarias Provinciais de Estudos, em correspondência com a Secretaria Nacional. São filósofos, sociólogos, economistas, pedagogos, técnicos, que pusemos em constante atividade, pois o nosso movimento é rico em valores culturais. É nesse setor que estamos operando a revolução da cultura tornando cada vez mais nítida uma doutrina de Estado, criando futuros estadistas pelo recrutamento de valores novos que surgem de uma mocidade inquieta.

A disciplina

A revolução espiritual nós a realizamos nos quadros da Secretaria Nacional de Educação. Somos hoje 1.000.00 de brasileiros que, em 3.000 núcleos funcionam em todo o país, constituímos uma só família. Os integralistas não dizem à Nação o que costumam dizer os puritanos e os fariseus do regime, atribuindo-se virtudes super-humanas.

Os integralistas exclamam: “Somos brasileiros de boa vontade. Amamos nossa Pátria, cremos em Deus, estremecemos nossas famílias. Queremos ser bons e fazemos esforço para isso. Esperamos que Deus, que pôs a cruz de estrelas no céu do Brasil, nos inspire cada dia e nos ajude a cultivar as virtudes cívicas”.

O tempo que um integralista perderia fazendo acusações deve ser empregado fazendo exame de consciência e corrigindo as vaidades afim de, um dia, quando tiver autoridade nas mãos, não assumir atitudes quixotescas, alardeando superioridades ridículas.

O integralista sabe que tudo deve dar à sua Pátria, que nada deve pedir a ela. Sabe que sofrerá injustiças, será alvo de mentiras, de injúrias e calúnias, será ridicularizado por muitos e até apontado como louco. Abrasado pela divina loucura pelo amor da Pátria, ele a tudo será surdo. Suportará com alegria todas as perseguições que porventura lhe façam por ser integralista. Sofrerá a agressão dos comunistas, defendendo-se, mas sem ódio, porque o comunismo é um fenômeno de dor num espírito desorientado pelas mãos. Nunca deixará de cumprir uma ordem de seus superiores, ainda quando a julgue errada, porque uma ordem certa e discutida torna-se perniciosa do que uma errada e cumprida, porque esta, pelo menos, prestigia o princípio da autoridade e revela, em quem obedece, um triunfo moral sobre si próprio. Quem não sabe obedecer jamais saberá comandar, e o Integralismo é também uma escola de comandantes.

A nossa disciplina condena todos os conchavos de bastidores com forças políticas liberais-democráticas, porque eles enfraquecem o princípio da autoridade. Nossa propaganda é a descoberto, para que não haja compromisso de ordem particular. A essência do regime que desejamos é incompatível com processos maquiavélicos. Toda a preocupação dos integralistas é formar uma grande família, presa pelos laços indestrutíveis de uma doutrina e de uma solidariedade moral profunda. A nossa força vem daí.

Caráter brasileiro do movimento

O que distingue o Integralismo dos movimentos nacionalistas que hoje se processam em quase todos os países do mundo é exatamente o alto sentido cultural e o profundo sentido sentimental. Cristalizando, dia a dia, uma unidade de pensamento, o Integralismo não se baseia num homem, porém num sistema de ideias. Seus alicerces, pois, são os mais sólidos possíveis. O Chefe não passa de um simples soldado, que eventualmente exprime o princípio da autoridade. Estamos realizando um movimento para séculos e não para quadriênios. Não pretendemos uma ditadura, porque só os bárbaros toleram ditaduras, ainda quando estas venham disfarçadas em positivismos de segundo grau, em consulados militares ou “comitês” ou juntas de salvação pública. Não nos insurgimos contra homens, porque eles são produtos dos partidos. Os partidos são produto de um regime. O regime é produto de uma civilização. Essa civilização é produto de uma filosofia de vida. Essa filosofia de vida é produto de uma atitude de

orgulho do homem. É aqui que encontramos o pivô do imenso maquinismo da economia e da política, maquinismo descontrolado, sem ritmo lógico e apenas expressivo da confusão desnorteada dos espíritos do século XIX. É, enfrentando, no sentido delicado do povo brasileiro que vamos encontrar a chave com que abrimos as portas do século XX. Para compreender o movimento integralista é necessário compreender a alma brasileira e sentir os dramas universais. E essa compreensão é mais simples do que parece. Basta libertarmo-nos de nós mesmos, isto é, dos prejuízos de uma civilização desumana e de uma cultura livresca. Ser simples como a água e como a luz. Ser pobre em coração e em espírito. A lição política das nacionalidades está mais nas coisas simples e boas do que nas complicações com que o charlatanismo de um século, que entronizou o empirismo, perturbou ainda mais as almas agitadas dos povos. (1)

(1) Entrevista concedida ao "Correio da Manhã" e publicada duas vezes por aquele grande matutino.

II
O problema da ordem

O problema da ordem não é um problema de polícia, mas um problema de regime. A desordem é um sintoma de enfermidade social. Quando um país entra em anarquia, quando se multiplicam os distúrbios, quando proliferam os descontentamentos, os brados de rebeldia e as atitudes de desespero, cumpre examinar o quadro social, o valor e a disposição das forças econômicas, numa palavra, as causas da arritmia dos movimentos sociais, das super excitações nervosas das multidões.

Seria absurdo que, chamando-se um médico para examinar um doente que se debate no leito e berra, perturbando o sono da família e da vizinhança, viesse o médico e receitasse uma mordaça para abafar os gritos e uns metros de corda, para amarrar o enfermo.

Esse tratamento não resolveu a situação. O que se quer é que o médico descubra a causa das dores e aplique medicamentos capazes de aliviar o doente. Muitas vezes, o caso é de operação cirúrgica.

Assim um país. Quando lavra o comunismo, o anarquismo, a desorientação socialista, cumpre verificar os motivos porque isso acontece, removendo-os; E não engendrar leis repressivas, que são contraproducentes porque agravam os males, levando ao desespero.

Já Leão XIII, em meados do século passado, referindo-se às providências repressivas que os governos adotam quando dão conta de sua própria fraqueza, lembra que elas não são as mais indicadas como remédio à desordem, cujas causas são muito mais profundas. A suprema autoridade da Igreja Católica diz mesmo, textualmente, que "a repressão leva ao desespero; o desespero leva à audácia; a audácia leva aos crimes mais monstruosos".

Eis a razão porque negamos autoridade moral ao Estado Liberal Democrático e, principalmente, ao Estado Social-Democrático, como o que temos, desde a Constituição de 16 de Julho, para adotar leis de arrocho contra o sentido revolucionário que empolga as massas brasileiras.

A ordem pública é, apenas, um aspecto da ordem nacional. A ordem nacional é constituída:

A. — da ordem espiritual e moral;

B. — da ordem cultural;

C. — da ordem sentimental;

D. — da ordem econômico-financeira;

E. — da ordem social;

F. — da ordem política;

G. — da ordem militar;

H. — da ordem administrativa.

Num país, onde todas essas “ordens” se encontram subvertidas, não é possível conseguir-se a ordem pública, ainda mesmo usando-se dos meios mais violentos. Antes, pelo contrário, os meios violentos precipitam a desordem.

A ordem espiritual

Como se pode obter a “ordem espiritual”?

Pela doutrinação, pela propaganda, pela educação constante, paciente, das massas populares.

O governo está providenciando nesse sentido?

Não.

Perguntamos: no caos da vida brasileira, na confusão que assinala estes dolorosos dias da nossa história, onde estão os doutrinadores, os propagandistas, os educadores das massas? E podemos responder com segurança: estão no Integralismo. O governo mantém cursos populares de doutrina, em que se ensine o amor da Pátria, o respeito à Família, o culto de Deus, em que se combatam os vícios, o comodismo, o oportunismo, o indiferentismo de uma sociedade que apodrece a olhos vistos? Não.

Pois bem: o Integralismo mantém esses cursos em cada um de seus núcleos, arrancando a massa popular dos erros com que envenenam aqueles que recebem dinheiro do capitalismo internacional para preparar o operário brasileiro à escravidão do soviete. Quer dizer que hoje, no Brasil, a única força coordenadora das consciências no sentido da "ordem espiritual e moral" é o Integralismo. Desafiamos quem nos aponte outra organização semelhante, que abranja toda a extensão territorial da Pátria e congregue maior número de brasileiros, pois hoje somos 1.000.000.

Essa ordem espiritual e moral nós a conseguimos pela criação de uma extraordinária unidade de pensamento e de sentimento, que se exprime pelo mesmo ritmo de atitudes, desde o Amazonas ao Rio Grande. Enquanto os governos estaduais dividem os brasileiros, nós os unimos numa prodigiosa comunhão, que realiza o milagre estupendo de uma única aspiração nacional. É isso o que se chama "ordem espiritual e moral", confraternização de "todos os que, acreditando num Deus, fazem dele o fundamento indestrutível de toda ordem social", conforme diz a Encíclica de Pio XI, cujo texto foi compreendido pelos Integralistas tanto católicos como luteranos, presbiterianos ou espiritistas, pois hoje formamos a frente única espiritual, arrebatada pela bandeira de Deus, da Pátria e da Família, disposta a todos os sacrifícios para salvar a Nação das garras do materialismo do século. Vivendo uma época semelhante à da invasão maometana contra o Ocidente, repetimos, como no tempo das cruzadas, o episódio maravilhoso da união e do bom combate em que se

empenham todos os que se esforçam para salvar os valores legítimos da civilização cristã, aperfeiçoando-os ainda mais.

A essa campanha doutrinária e mobilização das forças morais da Pátria, juntamos a obra educacional, que realizamos através de nossas organizações atléticas e esportivas de "camisas-verdes".

Por que mantemos essa organização? Já expliquei muito bem o sentido da nossa luta no artigo que intitulei "Técnica de Sorel e técnica de Cristo". O nosso movimento nacionalista é muito diferente dos movimentos "fascista" e "hitlerista". Os que nos confundem com esses movimentos nunca leram a literatura integralista. Em relação a esse importante setor, nós os mantemos como "escola de disciplina". O "camisa-verde" aprende a ser modesto, diligente, respeitoso; adquire um exato conceito da Autoridade; aprender a amar a sua Pátria e a tudo sacrificar por ela, inclusive seus interesses e vaidades pessoais; aprende a sofrer, a calar, a trabalhar sem alarde; aprende a amar seus companheiros, que constituem hoje uma família de 1.000.000 de irmãos. No dia em que todos os brasileiros forem "camisas-verdes", estará resolvida a primeira questão desse complexo problema da Ordem.

Se o governo abandona a mocidade, se ele nunca pensou em evitar que ginasianos, os alunos das Escolas Superiores, das Escolas Militares, das Escolas Técnicas, a juventude das fábricas e campos, a própria infância das escolas primárias sejam envenenados por professores ou

propagandistas de toda a espécie, que lhes inoculam os venenos do materialismo, do comunismo, do separatismo, do comodismo, do ceticismo, do oportunismo grosseiro, nada mais natural que o instinto da conservação da Nacionalidade, as vozes profundas do Brasil tivessem falado aos nossos ouvidos, de sorte que surgíssemos no país a suprir uma insuficiência do regime liberal-democrático, preservando a infância e a mocidade de males mais terríveis para uma Pátria do que a tuberculose e a morfeia.

Combate-se, ainda que deficientemente, mas combate-se a lepra, que deforma os indivíduos fisicamente; não se combate com energia o materialismo, que deforma moralmente os homens, deformando a própria alma de uma Nação! Por isso é que o Integralismo, como doutrina de ordem, objetivando, preliminarmente, a ordem "espiritual e moral", não é apenas o remédio para os doentes do confucionismo e da anarquia mental, mas é, acima de tudo, a obra de preservação dos filhos de uma geração já completamente corroída pela terrível enfermidade do Século.

Quem quiser saber o que são as nossas organizações da juventude, vá ver nos núcleos integralistas o milagre estupendo, ou assista ao filme que tem mostrado a todos os brasileiros o prodigioso advento de uma Pátria.

A ordem cultural

Nada mais justo, quando pela falta de base filosófica e de humanidades se abandonam, sem defesa, os cérebros moços à corrupção de toda uma literatura de

cordel, em que se mesclam os realismos mais torpes, as dissoluções estéticas mais deletérias e os socialismos mais charlatães, nada mais justo aparecer o Integralismo, como um fenômeno de saúde nacional, despertando energias novas e orientando-as no sentido de se atingir essa coisa fundamental como base de toda ordem nacional: a ordem cultural.

Pouco ou quase nada adianta proibir a leitura de livros corrosivos, quando não existe nenhuma orientação no sentido de despertar nos moços o gosto pelos estudos e dar-lhes a compreensão exata dos verdadeiros problemas nacionais. A índole do Estado Liberal-Democrático, ou do Estado Social-Democrático, que é o que temos, não permite, sem transgressão de seus princípios essenciais, apontar com mão forte e decidida o caminho que toda uma juventude deve seguir, se quisermos salvar o Brasil.

O Integralismo aparece, então, trabalhando intensamente nesse setor. Cria a sua Secretaria Nacional de Doutrina, que se desdobra em Secretarias Provinciais de Estudos em Secretarias Municipais de Pesquisas, em departamentos que abrangem, não somente os panoramas de uma filosofia nova, totalitária, o campo vasto da Sociologia e da Pedagogia, da revisão da História, dos problemas modernos do Estado, da Economia e das Finanças, mas todo um trabalho que harmoniosamente se executa em 3.000 municípios, de estatística, de monografias, de ensaios, drenados através dos órgãos hierárquicos, para a nossa seção de "problemas do Estado", a cuja frente se acham os valores legítimos de uma geração.

Como poderemos objetivar a solução do problema da ordem pública, sem esses pilares da ordem entre os quais avulta o da ordem cultural? Como poderemos pensar em realizar a felicidade do povo brasileiro, se não tivermos, preliminarmente, uma unidade de cultura, uma uniformidade de método e um processo de suscitar homens públicos, capazes de compreender as linhas gerais de uma supervisão do Estado e de executarem, no seu setor os trabalhos que lhes forem confiados, obedecendo a um critério geral de filosofia, de sociologia, de direito, de pedagogia, de economia e de finanças, que se traduzem nos atos materiais de adminstração?

O Brasil não tem tido filósofos nem criadores de direito. O que temos tido são divulgadores, compiladores, comentadores, hermeneutas, causídicos e rabulas. Daí o nosso charlatanismo, o nosso empirismo, o nosso unilateralismo expresso no provincianismo político e no estudo em separado de cada problema nacional, que nunca se subordina ao quadro geral dos problemas nacionais.

Essa é a ordem cultural que o Integralismo está criando.

A ordem sentimental

Que temos feito até hoje, para criar um ritmo disciplinador do sentimento brasileiro? Em 1927 escrevi uma frase que serviu de cabeçalho a um jornal de Pernambuco, na qual dizia que o sentimentalismo brasileiro é a força mais decisiva em nossa economia social. Continuo a pensar do mesmo modo. Vejo o sentimento brasileiro,

que nos revela traços de uma unidade tão profunda, trabalhado continuamente no sentido da desordem, pelos homens que fazem neste país a política dos Estados e que vêm para o cenário federal com a visão estreita dos regionalismos provincianos. O sentimento brasileiro, que é amplo, uniforme e dominador em todos os tratos do território nacional, como observei viajando todas as nossas pequenas cidades interiores, tem sido violentado numa obra de desagregação sistemática que os governadores de Estado e suas oligarquias executam contra a Nação.

A luta hegemônica entre os três grandes Estados é o maior fator da desordem nacional. Admira como esses mesmos homens, que outra coisa não fazem do que socar a pólvora que explode de quatro em quatro anos subvertendo toda a ordem nacional, admira que esses homens fazem a "política dos Estados", geradora das lutas fratricidas em que se derrama periodicamente o sangue da mocidade, aduzindo os ressentimentos regionais, sejam os signatários de um projeto de lei de segurança nacional! Pois a Nação só poderá estar realmente segura, quando deixarem de a dirigir os regionalistas, os estadualistas, os incapazes de evitar as revoluções que esses mesmos criminosos fingem querer evitar.

A ordem sentimental está sendo criada pelo Integralismo. Um "camisa-verde" do Amazonas tem a mesma fisionomia interior, a mesma atitude afetiva e o mesmo instinto de solidariedade nacional que os seus irmãos do Rio Grande do Sul, de São Paulo ou Sergipe. Este amor à Pátria Total vibra da mesma maneira na Bahia,

Alagoas, Pernambuco, Ceará, como na Paraíba, no Maranhão, no Rio Grande do Norte, no Pará. É olhar um Integralista de Mato Grosso e ver um Integralista de Santa Catarina, de Goiás, do Paraná, do Rio de Janeiro, do Espírito Santo. A alma Integralista mineira não difere da lama Integralista do irmão acreano, do irmão carioca, do irmão piauiense. Esta obra nós estamos realizando de uma maneira profunda, como jamais se fez! Esta solidariedade, este bater de corações é um dos esteios da ordem, esteio indispensável à segurança nacional. Que tem feito o Estado Liberal Democrático nesse sentido? Nada, absolutamente nada; pelo contrário: tem desvirtuado o patriotismo brasileiro, tem acirrado antipatias entre regiões, tem feito funcionar um congresso onde há bancadas de todos os Estados, menos a bancada do Brasil.

A ordem econômico-financeira

Como pode haver ordem econômico-financeira, se não há ordem sentimental? Se cada Província se fecha egoisticamente, a examinar seus próprios problemas, esquecida de que a sua própria felicidade depende do grande problema nacional? Como poderemos criar a força poderosa da União Nacional, com a qual nós iremos enfrentar o capitalismo agiotário, as explorações das bolsas, o jogo de negócios de eternos exploradores, se não argamassados este cimento que estruturará os blocos da resistência da Pátria? Como poderemos pôr as mãos à obra violenta e corajosa da libertação do Brasil, da proclamação de sua soberania financeira, sem organizarmos para o

Estado a retaguarda de uma ordem espiritual, de uma ordem cultural e de uma ordem sentimental?

Um país que vive em desordem econômico-financeira, usando as mesmas tisanas, os mesmos paliativos que o empirismo dos nossos técnicos, aprende na escola dos que nos ensinam errado para melhor nos sugarem; um país onde a voz dos banqueiros fala mais alto, ou mais profundamente do que as vozes dos políticos; um país; um país que deixa morrer à míngua as nossas fontes de produção, pela incapacidade de romper com as velhas arengas de Adam Smith e de falar grosso aos agiotas e zangões da City e da Wall Street, — esse país não pode pretender ordem social.

Se a lavoura, as indústrias, o comércio, estão à mercê de uma orientação que, em vez de ser brasileira é inglesa, americana, francesa e, o que é pior, judaica internacional, como podem essas forças, abafadas, asfixiadas, estranguladas, atender à grita, por sua vez justa, do proletariado?

Sem ordem econômico-financeira, não há ordem social.

O problema do socialismo não é unicamente o problema proletário, afirmou Durkheim, mestre de socialistas. E Durkheim, ele próprio unilateral, como todos os socialistas, levanta com essa frase a ponta de um véu que os Integralistas descobrem de todo.

A ordem social, enquadra-se no complexo quadro das outras “ordens”, como estamos vendo. Subordina-se ao

conceito ético do Estado, e esse conceito só pode provir da "ordem espiritual e moral". Entrosa-se com as questões estruturais do Estado, e estas estão intimamente ligadas à "ordem cultural". Filia-se à necessidade da força nacional, e esta depende da "ordem sentimental". Deriva, de uma maneira imediata, das possibilidades vitais de uma Nação, e estas decorrem da "ordem econômico-financeira".

Que adianta fechar sindicatos, fechar jornais extremistas, prender comunistas e anarquistas, trancar as portas de partidos e clubes? O Estado assim procedendo não faz mais do que repetir a história do marido enganado: retira o sofá da sala....

O Estado Integralista não será, no dia em que ele estiver vigorando, aquele Estado a que Engels alude, que está sempre a serviço de uma classe. O seu valor e significado ético colocaram-no acima das lutas sociais, haurindo nelas apenas a inspiração da justiça social.

Não é aqui o lugar para desenvolvermos todo um capítulo sobre um dos mais palpitantes problemas modernos. O que afirmamos é que o comunismo não passa, no Brasil, de um sintoma de angústias, de injustiças, em última análise de desequilíbrio. O Estado só conseguirá ordem social recompondo equilíbrios. Tudo o mais será inútil.

A ordem política

Como evitar as conspirações, as maçarocas, as sedições, os golpes de Estado, as revoluções? Com lei de

repressão? Mas isso é pretender curar uma enfermidade grave com aspirina. A ordem política só será possível quando não houver mais partidos estaduais que disputem hegemonias; quando o Brasil não estiver dividido em 150 partidos políticos cuja função única é fomentar distúrbios, brigar em seções livres, subornar jornais, fazer ataques pessoais, tolerar companheiros maus, fraudar eleições, intrigar, mexer, distrair a atenção do povo brasileiro de seus problemas para as charadinhas desses campanários tão nocivos à saúde do país.

Como acabar com os partidos? Pela Ditadura? Não! Só os povos selvagens, bárbaros ou sem dignidade toleram ditaduras, sejam civis ou militares, sejam positivas rotuladas de "espírito revolucionário".

Os partidos só podem se extinguir, organizando-se a verdadeira democracia cristã, que é o Estado Corporativo. Não haverá descontentes nem perseguidos, porque todos os homens que pertencem agora aos partidos são brasileiros e pertencem a uma profissão. Eles poderão, pois, entrando para sua classe, ser elevados por ela, porque na classe as vontades são muito mais livres, pois estão a salvo de dependências humilhadoras.

A ordem política só será possível quando todas as forças brasileiras se harmonizarem com o objetivo único de construir a Grande Nação. Ora, como é possível termos essa ordem quando os autores da chamada Lei de Segurança Nacional, ao mesmo tempo que levam esse projeto à Câmara, já preparam a futura campanha de sucessão do atual presidente? Esses homens não estão

vendo que as alianças secretas que já estão realizando entre alguns Estados para abater outros, constituem elas a fonte de todas as desgraças nacionais, de toda a desordem, de toda a barbaridade de um morticínio de nossos irmãos, de toda odiosidade entre províncias, que podem degenerar na desordem separatista?

A ordem militar

Querem muitos exigir do Exército que ele se recolha à caserna. Eu desejaria que, esses, lessem as páginas que a respeito escrevi no meu livro "O cavaleiro de Itararé" publicado em 1932.

Considero hoje as Forças Armadas a última expressão de uma unidade nacional que nos chegou do regime liberal democrático federativo, separatista, desagregador e desordeiro. Só a Marinha e o Exército se salvaram, pelo menos como sentimento de Pátria total, da Unidade Nacional. E certo que muitos dos nossos militares se imiscuir em desordens civis, mas, ainda assim, isso foi, até certo ponto e sob certos aspectos, providencial: porque constituíram, na própria desordem, o liame da ordem nacional, a vigilância da alma da Pátria, evitando a degeneração dos movimentos em dissolução social ou de esfacelamento do Brasil.

Ora, na situação como a em que nos encontramos, em que só existem partidos estadualistas, (quem quiser verificar que vá ao Tribunal Eleitoral e só encontrará registrado um partido de âmbito nacional: a "Ação Integralista Brasileira"), como poderemos prescindir daqueles que foram os únicos

que se conservaram "brasileiros", no meio dos que, pelo menos na ação política, são apenas "mineiros", "paulistas", "gaúchos", "baianos", etc.?

Ao Estado Liberal-Democrático, desordeiro, acirrador de ódios entre irmãos, caudilhesco, oligarca, regionalista-separatista, falta autoridade moral para impedir que os únicos brasileiros que restam da "debacle", os únicos que nós integralistas encontramos, quando ingressamos na História do Brasil, os únicos que nós surpreendemos adorando nossa Bandeira Nacional, se interessem pela política de sua Pátria. O Exército um dia, irá desempenhar o papel mais relevante da Nação, executando um plano gigantesco de restauração do nosso prestígio externo. As nossas escolas de "camisas-verdes" são as preparadoras de um espírito nacional capaz de compreender o Exército. A confraternização dos únicos brasileiros civis que chegaram na hora da dissolução final, com os únicos brasileiros que vieram de 40 anos de anarquia política, vai ser completa no dia em que deixarmos de ser pernambucanos, cearenses, amazonenses, cariocas, para sermos acima de tudo: brasileiros! O Integralismo, fábrica de brasileiros, nega autoridade moral àqueles que, pretendendo dissolver a Nação, querem proibir as Forças Armadas de atuarem, não digo pelas armas, mas pela sua força moral, evitando que nos acabem de matar os banqueiros internacionais, os agentes do comunismo russo, os materialistas de todo jaez, fomentadores de discórdias, intrigantes, corvos de garras enterradas no corpo da nossa Pátria.

Se o país está em desordem política, não pode realizar a ordem militar, tão necessária, essa ordem que todos nós aspiramos, pois não desejamos para o Exército um papel semelhante àquele que desempenham os Exércitos de certas republiquetas que, de tanto derrubarem e elevarem generais à ditadura, acabaram se esfacelando, ao ponto de, em Cuba, subir ao poder o cabo Machado, numa hora em que virtualmente o Exército já não existia. O papel que desejamos ao Exército é aquele glorioso papel do Exército francês ou do Exército japonês.

Queremos que ele seja uma força gloriosa. Que seja a nossa garantia. Que seja o nosso ídolo. Queremos que, à passagem de um militar, nós civis, possamos descobrir-nos, vendo nele, um asceta, um herói, um esteio da nossa liberdade, da nossa soberania, um baluarte da nossa grandeza, o irmão a quem confiamos tudo: nosso lar, nossa família, nossa bandeira, nossa carta geográfica, o nome da nossa Pátria!

O Exército só será, assim, o nosso ídolo, quando ele estiver livre dos paisanos que embaraçam pelos quartéis, a forjar conspiratas, cujos riscos quase sempre cabem aos militares, cujas consequências sofrem, por serem mais simples, mais cândidos, mais sinceros.

A ordem militar, portanto, só será possível, quando se estabelecerem todas as outras ordens no organismo nacional.

A ordem administrativa

O aspecto mais formal, mais material da ordem administrativa indica-nos que ela não será possível sem todas as ordens precedentes. Ela decorre da "ordem espiritual e moral", sem a qual não há administradores honestos; ela deriva da "ordem cultural", sem o que não há administradores conscientes; ela se origina da "ordem sentimental", sem o que não haverá administradores que trabalhem com amor, que ponham um pouco do seu coração no serviço que lhes compete; ela depende da "ordem econômico-financeira", porque nada se poderá fazer num país que anda com a corda no pescoço, entregue à anarquia daquelas casas, onde, não havendo pão, todos gritam e ninguém tem razão; ela é um prolongamento da "ordem social", porque nos países perturbados pelas agitações consequentes das lutas de toda a espécie, não é possível haver calma, segurança na obra administrativa; ela se subordina à "ordem política", porque não é possível haver administração capaz se os políticos a perturbarem com sua chusma de pistoleiros, de afilhados, de manobras, de perseguições a adversários; ela se entrosa com "ordem militar", porque se a administração é uma função do governo, como este é uma concretização do Estado, essa função não poderá ser exercida sem o prestígio da força, e a força de uma Nação está diretamente ligada à capacidade de ordem militar.

Sem essa "ordem administrativa" jamais existirá a ordem nacional. Sem esta, não haverá ordem pública.

Eis porque nós, integralistas, achamos inócua a chamada Lei de Segurança Nacional. Ela própria é um sintoma de desordem. É uma confissão de anarquia. É um libelo contra o sistema liberal democrático, contra a politicagem dos Estados. E o anúncio de que existem conspirações. É a prova de que a Ordem está exigindo um grande movimento nacional. É a maior propaganda do Integralismo. O médico está querendo amarrar e amordaçar o doente, para que ele não grite e não perturbe os vizinhos? Que deve fazer a família? Chamar outro médico. No caso brasileiro esse médico será a Liberal Democracia de 91, revogada pela Social Democracia de 34, que agora se confessa impotente? Não! Porque a doença já avançou muito e os "chazinhos" já não curam. É então o Comunismo? Não, porque ele atenta contra Deus, contra a Pátria e contra a Família, que estão no coração dos brasileiros. É o Socialismo? Não, porque ele não passa de um comunismo mascarado. É a Ditadura Militar? Não, porque um povo civilizado não tolera ditaduras, nem civis nem militares. Então, que salvação é possível?

Brasileiros! Civis e militares, lavradores, industriais, comerciantes, operários, estudantes, camponeses, intelectuais! Nesta hora histórica em que nos desesperamos desejando a Ordem, em que tanto precisamos da Segurança Nacional, só há uma esperança, uma só salvação: — o Integralismo! (1)

(1) Artigo publicado na "A Offensiva", quando se debatia na Câmara dos Deputados o projeto da Lei de Segurança Nacional.

III
As ditaduras

Tem-se falado com muita insistência em ditaduras, em governos fortes, em anti-liberalismos e golpes de Estado. O tema está no cartaz e exige reflexão.

Exige reflexão porque esse assunto, que anda de boca em boca, e que, muitas vezes, é versado com leviandade, envolve todo o destino de uma pátria, a sorte da liberdade e da dignidade do homem, a própria civilização de um povo.

Neste momento é necessário orientar a mocidade, dizendo-lhe que um povo que se orgulha de haver possuído alguns índices de cultura jurídica, e alguns sinais de cultura filosófica dentro da liberal-democracia, não pode, de maneira alguma, aceitar qualquer regime de governo que exclua um embasamento de princípios e uma diretriz de

direito, sem o que não existe civilização, nem dignidade nacional.

*
* *

Que está morta a liberal-democracia, é fora de dúvida. O espetáculo que o mundo nos oferece não é apenas o de sua morte; porém, de um fim de civilização, o de início de nova época da história.

A crise do sistema capitalista demonstrou a insuficiência de certos princípios da economia e da política, para impor ordem na produção, a circulação e o consumo. A economia liberal negou-se a si própria, pois, enquanto consagrou as regras segundo as quais os fenômenos da produção e do comércio não devem, de nenhum modo, subordinar-se a interferências estranhas, ficando entregues às leis naturais, permitiu que se instaurasse no mundo a ditadura das Bolsas, que, efetivamente. interveio nos preços, influindo nas condições do trabalho e criando as crises sociais.

O simples fato da soberania financeira não pertencer aos governos, porém a particulares, evidenciou a falência do Estado Liberal. As consequências práticas temos na crise chamada "super-produção", da falta de trabalho, da luta de classes que se desencadeou sob a pressão das mais tremendas injustiças, da insolvabilidade das nações e dos terrores da guerra.

O panorama de confusão política, a competição dos partidos, os entrechoques regionais, tudo isso são aspectos da incapacidade liberal-democrática.

Restauração do prestígio dos governos

Os países necessitam de uma colaboração internacional que vise imprimir um ritmo seguro à produção, à circulação, ao consumo, às condições do trabalho; e, entretanto, encontram-se num beco sem saída, porque não possuem autoridade para firmar pactos que colidiram com as teses assentes do individualismo liberalista.

Nestas condições iniciam-se a guerra das alfândegas, os nacionalismos agudos, que chegam às raias do jacobinismo; e isso é ainda um sinal de doença, de insuficiência orgânica das democracias.

É necessário que a autoridade moral de cada nação extinga os partidos que dividem suas forças, todas aproveitáveis; que imponha normas à produção; que liberte a lavoura, a indústria e o comércio da asfixia a que o submete o agiotarismo; que realize a justiça social, harmonizando os trabalhadores e os dirigentes de indústrias e fazendas; que salve o princípio da propriedade, posto em cheque pelo jogo do capitalismo bolchevizante, que o fere de morte; que restaure a disciplina das forças armadas; que faça ressurgir o espírito nacional em toda sua expressão de grandeza e de força; que estabeleça novos princípios, não mais baseados nas leis da natureza, porém

inspirados nos impositivos e nas aspirações do espírito humano.

É preciso que passemos por uma etapa de nacionalismo, afim de restaurar o prestígio dos governos: só então teremos autoridade para comparecer em assembleias internacionais e salvar o mundo das garras das ocultas potências despatrializadoras, que, escravizam toda uma civilização orgulhosa.

Não é uma ditadura a solução, mas um regime

Afirmar isso não é afirmar que desejamos uma ditadura. Neste momento de confusão eu quero deixar isso bem claro, bem patente: eu e os que me acompanham em todas as províncias brasileiras encaramos as ditaduras como significativas de estados de barbárie mais ou menos disfarçados.

A América Latina, desde o México ao extremo meridional tem sido um palco de ditaduras. Isso significa que não se cristalizou nos povos hispano-americanos um espírito de cultura, uma consciência jurídica. Significa ausência de filosofia, oportunismo de caudilhos. Esses governos são instáveis. Uns sucedem os outros, porque lhes faltam disciplina mental e base doutrinária.

Experiência idêntica foi feita por Primo de Rivera, que teve contra si a força das Universidades e a massa do proletariado. Não tendo procurado criar uma cultura, o governo espanhol daquele tempo não contou com as forças renovadoras da intelectualidade da pátria; não tendo atendido a angústia do operariado (pelo contrário,

abandonando-o à exploração dos poderosos) aquele governo deixou que as massas se encaminhassem para o socialismo extremista. E nem as baionetas, nem os canhões escaparam à influência da propaganda subterrânea que arrastou, não somente Primo de Rivera, mas o próprio trono para o abismo.

Os povos erraram nos rumos liberais-democráticos, mas as conquistas da Revolução Francesa, a marcha da civilização burguesa, os conduziu a uma plana elevada de conhecimentos hoje incompatíveis com qualquer ideia de governo que não se justifique em princípios, que não estabeleça uma doutrina, que não trace diretrizes jurídicas.

Só os bárbaros, os que não conhecem as últimas fases da civilização que agora agoniza, podem submeter-se a governos meramente ditatoriais. Na Itália não há ditadura: há um regime. Na Rússia, embora o regime seja mais asfixiante das liberdades individuais, também não há senão uma ditadura de transição com objetivos claramente prefixados. Na Alemanha, a literatura do nacional-socialismo é abundante, demonstrando ao povo alemão que ele não está sendo escravizado, porém realizando uma era nova, norteada por princípios novos.

O número de revistas filosóficas, jurídicas, econômicas e técnicas da Itália e da Alemanha, mostram que esses países não caíram em meras ditaduras sem finalidades, pelo contrário, passaram a uma fase de renovação espiritual.

O contato com as massas populares é uma preocupação constante dos dirigentes. Há uma íntima comunhão entre o povo e o governo.

Governo criador de Civilização

Nós, no Brasil, também queremos um governo forte. Mas esse governo forte não pode ser um monopólio de banqueiros, nem de plutocratas. Esse monopólio não pode pertencer a um partido. Esse monopólio não pode pertencer a uma classe, seja a militar, seja a proletária, seja a dos representantes do capitalismo, que hoje se encontra à testa do governo. Esse governo tem de se basear em princípios novos. Numa nova filosofia, num novo direito, numa nova economia.

Essa filosofia, esse direito, essa economia, não podem ser, de nenhum modo, inventados, de improviso. Sem uma propaganda prévia de ideias novas não se cria uma corrente de pensadores, de filósofos, de juristas, de economistas. Por outro lado, não se extinguem partidos sem criar novos órgãos de circulação de opinião. Uma ditadura sem organização corporativa, sem institutos culturais, sem estudiosos, sem discussões de teses, perde o direito de regular quaisquer liberdades.

Quando nós, integralistas, falamos em governos fortes, não falamos em ditaduras e sim “num regime”. Um regime é o que queremos. Se a liberal-democracia morreu, ela foi sincera e teve sua cultura. Não devemos substituí-la com desdouro por governos sem alicerce de cultura.

A liberdade é o maior dom humano. É a glória de um povo. Quando nós abrimos mão de algumas liberdades, porque elas estão atentando contra o próprio princípio de liberdade, nós queremos em troca alguma coisa que substitua com vantagem o patrimônio de uma civilização que já passou.

E, depois, não pode existir governo forte sem cultura forte. Só ela cria a disciplina. Porque cria a consciência de necessidade. A consciência das necessidades não se cria jamais por decretos. A alma de uma nação só se desperta com sacrifício e com dor.

O governo forte de que precisamos tem de ser uma expressão conjunta dos elementos militar e civil da nação.

Isoladamente, nem um nem outro desses elementos conseguirá subsistir.

A nação é uma só. Os nossos males são mais do regime que dos homens. Todos os brasileiros honestos devem ser chamados a cumprir esse dever. Que ninguém seja acusado por ter pertencido a este ou àquele partido. Que todos comunguem no mesmo anseio de felicidade e de grandeza da pátria. E que esse anseio não seja cego, mas possa orientar-se em princípios e alicerçar-se em bases filosóficas e jurídicas.

O governo forte deve supervisionar, orientar estimular as forças nacionais. Deve ser criador de civilização. (1)

---

(1) Em consequência das expressões públicas de simpatia manifestadas, por altas patentes militares, pelo Integralismo, a opinião pública se convencera de que o movimento do Sigma visava a implantação de uma ditadura. Afim de tornar claro o pensamento integralista, esta página saiu nos jornais da rede dos "Diários Associados", sendo reproduzida em todos os pontos do país.

IV
Messianismos

Não tendo argumentos para combater o Integralismo, certos espíritos, em que se estancaram todas as forças da juventude, assumem uns ares de superioridade e acusam os soldados do Sigma de fanáticos, de messiânicos. Muitos, que dos livros só leem as capas, chegam ao ridículo ao citar, com frequência, o romance que publiquei em 1930, "O Esperado", em cujas páginas examino o fenômeno do messianismo no Brasil, vertido para a sua forma política, apontando-me como um estimulador de sebastianismos, quando toda a minha intenção, tanto naquele livro, como em "A Voz do Oeste", foi estudar uma realidade brasileira e levá-la em consideração para o aproveitamento de forças

que devem ser traduzidas em ação, num sentido de realismo social e política objetiva.

*

*   *

O Integralismo é, exatamente, o contrário do messianismo político. É um combate permanente às "esperas" insensatas, ao sonho vago, ao taumaturgismo e ao caudilhismo líricos. Logo que foi lançado o "Manifesto de Outubro", apressei-me em publicar um livro que é, na sua primeira parte, a síntese da nossa doutrina de ação, e na segunda parte, a aplicação dessa teoria ao estudo da realidade nacional. Esse livro chama-se "Psicologia da Revolução". Nos primeiros capítulos traço a linha de equilíbrio entre o herói carlyleano, o super-homem de Nietzsche, que em última análise caem nos quadros do taumaturgismo messianico, e o homem das medianas sensatas e conformadas com o determinismo dos fatos sociais. Nos últimos capítulos, apreciando a vida brasileira, torno patente que não será com os "caudilhos", os "profetas", os homens isolados que resolveremos o problema nacional, e sim com o esforço para criar a ordem no Pensamento e no Sentimento brasileiros, dentro da qual poderão surgir os homens necessários ao governo do país.

A série de livros que temos publicados (mais de 50) demonstra o nosso realismo político. As pesquisas constantes da Secretaria Nacional de Doutrina, no seu departamento de estudos, acerca dos problemas da economia nacional executados sobre dados estatísticos, provam a nossa objetividade. Os cursos e conferências que

se realizam em todas as Províncias, sobre questões de Direito, de Economia, de História, assim como sobre assuntos técnicos, mostram à evidência que o Integralismo não se baseia no culto de um homem, no fanatismo da massa em torno de um herói.

No discurso que pronunciei encerrando o Congresso de Petrópolis, frisei este ponto, transmitindo uma ordem rigorosa às Províncias; este movimento é de ideias claras, nítidas, precisas, não de fanatismo em torno de minha pessoa. Determinei que os integralistas pensassem menos em mim e mais em nossa doutrina.

No artigo que escrevi para os bacharelandos de Jaboticabal, intitulado "O elogio da ausência", eu já proclamara que a autoridade no Integralismo era um princípio permanente e imutável, transitoriamente incarnado num simples camisa-verde.

*

*   *

Eu sei que esta minha atitude é também objeto de crítica. A velha fábula do avô, o neto e o burro tem sempre atualidade. Mas eu não me incomodo com o juízo dos que estão de fora, assistindo a esta nossa trágica batalha. O que me importa é formar uma consciência nova em cada um dos camisas-verdes. Essa consciência é contrária aos messianismos inconsequentes. Não quero que ninguém venha para o Integralismo, por motivos de admiração pessoal. Cada brasileiro que vestir a camisa verde deve fazê-lo por conhecimento que tem de uma doutrina

política, originada de um conceito filosófico e dos estudos da realidade do mundo contemporâneo e da vida nacional.

Recomendo aos integralistas que não se preocupem com minha pessoa, mas com ideias de que fui portador num momento histórico. A Revolução Integralista é permanente, porque será sempre a interferência do Espírito Humano recompondo equilíbrios sociais, de conformidade com os impositivos da moral e da finalidade superior do Homem: por conseguinte, esse fenômeno de caráter permanente não pode ficar circunscrito a uma pessoa, pois esta possui uma vida finita, limitada. Desgraçados os países que dependerem de um só homem! Desgraçadas as nações que estiverem contemplativamente esperando um Messias! O Messias era um só e já veio para iluminar todo o gênero humano. Ele nos deu os princípios fundamentais da possível felicidade terrena e nos mostrou o caminho para o Infinito. Um povo que espera o seu Salvador e não dá um passo para se salvar, por si mesmo, é um povo destinado à escravidão e ao capricho do primeiro aventureiro.

No velho Portugal seiscentista, quando se esperava a volta de D. Sebastião, surgiram vários embusteiros intitulando-se o Rei-redivivo. Um deles nem falava o português, porque era italiano. Um outro foi um ex-frade, e outro um desequilibrado. O poviléu os acompanhou e aclamou. É que os povos que se tornam messiânicos, estão sujeitos à exploração de todos os charlatães.

*

* *

Não quero que o meu Brasil seja assim. O messianismo, o taumaturgismo, o caudilhismo, a confiança em um homem já nos tem dado casos de enfermidades coletivas como Canudos, tragédias como a do Contestado, comédias como a de Santa manoelina dos Coqueiros e Santa Dica. Se existe essa tendência no espírito nacional, tendência que se manifesta até nas grandes capitais civilizadas, é preciso que a transportemos para a esfera dos grandes planos de realização nacional, oferecendo ao povo brasileiro uma vasta perspectiva de conquistas políticas e construção de uma Pátria. Esse misticismo é o único que não faz mal nenhum, antes é salutar, porque revigora as energias de uma raça. Nunca, porém, deve ser levado ao ponto de se apagar o senso comum, a capacidade crítica, a faculdade do exame dos problemas, porque do contrário, teríamos uma coletividade insensata, que seria facilmente tangida por meia dúzia de dirigentes perversos.

Todo o meu esforço tem sido o de transportar as preocupações de ordem pessoal, tão comuns no Brasil, para as preocupações de ordem doutrinária e especulativa. Passar do campo dos sonhos messiânicos para o das realidades objetivas. Ao mesmo tempo, arrancar aqueles que se perdem no imediatismo, lançando-os na luta das ideias, e desenrolando-lhes aos olhos um vasto panorama de realizações futuras.

O Integralismo, combate, pois, o messianismo. O que vale em nosso movimento, como argumentação para atrair os brasileiros, não são os homens, porém os livros que os homens publicam, as conferências que fazem, os artigos

que escrevem. É com esses elementos que se deve julgar o Integralismo, porque esses elementos têm caráter de permanência e perpetuidade, ao passo que os homens são transitórios.

É uma abdicação da liberdade, é uma humilhação humana, é uma renúncia à personalidade acompanhar um homem só porque ele é um grande escritor, um grande guerreiro, um padrão de honorabilidade, um índice de bondade, um exemplo de heroísmo.

*

*   *

Existe muita gente que diz “Acompanho Fulano que é um grande homem; se ele for comunista, serei também comunista, e se ele for monarquista, serei também monarquista”. Isto tenho ouvido de admiradores do sr. Washington Luis, do sr. Carlos Prestes, do sr. Flores da Cunha, do sr. José Américo, do sr. Arthur Bernardes, do sr. Júlio Prestes, do sr. Getúlio Vargas, do sr. Manoel Rabello, do sr. Pedro Ernesto, do sr. Armando de Salles, do sr. Guedes da Fontoura, do sr. Góes Monteiro, etc...

Não nego que haja, em cada um desses homens, possíveis qualidades pessoais e capazes de fazer amigos e consolidar prestígio. Acho, porém, que essa atitude de muitos brasileiros só serve para dividir a Nação, enfraquecê-la cada vez mais, torná-la um amontoado de grupos, incapacitá-la para uma ação conjunta.

O que deve unir ou separar os homens são as ideias. Seguir um homem, sem motivos ideológicos, é uma

indignidade, ainda quando esse homem possua as maiores virtudes. A situação do Brasil não permite esses fanatismos. Já é tempo de formarmos uma consciência nacional esclarecida e acabarmos com essa fase infantil que é o da adoração das pessoas. Eis porque não permito que os integralistas vejam em mim o Integralismo. Eis a razão porque não faço nenhuma questão de chefia-los. Não estou fazendo obra para um quadriênio, nem para um decênio, porque o meu plano transcende às limitações partidárias ou políticas. Estou iniciando uma construção que se desenvolverá através dos séculos futuros.

Os “camisas-verdes” devem ter como chefe supremo a doutrina integralista. Não devem gastar o seu tempo em erguer hosanas ao Chefe, a cantar-lhe loas. O próprio estudo da vida do Chefe não deve absorver de um modo absoluto, os “camisas-verdes”. Esse estudo será feito pelos filhos e pelos netos dos “camisas-verdes”. Não me interessa o juízo dos que estão fora das fileiras integralistas. Não serão eles que me julgarão. Um dia novas gerações estudarão o Passado. As coisas que agora parecem pequenas serão vistas pela perspectiva da História. E isto que estamos realizando será tão grande que encherá séculos.

Basta-me esta certeza e nada mais. Também os nossos adversários serão julgados. Muita coisa que está nos anais dos Congressos servirá para que certos deputados orgulhosos de hoje transmitam aos seus descendentes uma triste herança. Os jornais da época serão lidos pelos historiadores. Todos nós compareceremos ao tribunal da

Posteridade. Tranquilizem-se, pois, os integralistas e não sejam levados, pela própria revolta que lhes ocasionam injustiças de adversários para com o Chefe, a sair das preocupações que lhes tracei: impressões, opostas ao messianismo e ao taumaturgismo.

O movimento integralista não precisa de figuras de proa, não precisa de cartazes, de "estrelas", de "primas-donas", de "astros", de "super-homens", de "milagreiros", de "caudilhos", de "medalhões", de "tutus-marambaias", de "cavalheiros andantes", de "Roldões", de "Santas-Dicas", de "Antonios Conselheiros", de "messias". Ele possui ideias, uma doutrina, uma consciência, um método, um processo de estudos, um plano de realizações. E isto basta. Sim: basta para a grandeza de um povo que não quer ser escravo e sonha realizar sua glória pela própria força. (1).

(1) Artigo publicado na “A Offensiva” para tornar clara a condenação de todos os movimentos baseados em homens e não em doutrinas.

V
Aos conspiradores de todas conspirações

Vão transcorrendo as semanas transbordantes de boatos acerca de maquinações secretas e inquietantes perspectivas de maçarocas. E o que mais repugna, enerva e irrita aqueles que ainda possuem uma dose, por diminuta que seja, de amor a esta pobre Pátria, são os infames cadastros, os torpes balancetes, as repelentes estatísticas e torvas equações de grupos, grupelhos, partidécos, campanários, quadrilhas e camarilhas, que correm as mesas de café, emergem dos fundos dos bolsos dos boateiros profissionais, dos agentes de ligação, dos fâmulos da politicalha, em segredinhos, em cochichos, pelos cantos

dos restaurantes ou das repartições públicas, pelas esquinas por onde flana a viadagem de todos os rufiões.

Sim: esses papeluchos nauseiam; os “diz-que-diz” acabam fatigando o povo brasileiro, farto de comediantes, de histriões e empreiteiros de eternas pantomimas.

*

* *

Senhores conspiradores: estamos cansados de vós. Sois os cogumelos das sombras das fortalezas, sois a muquirana que se aninha ao cós das fardas heróicas dos que se sacrificam mil vezes sem saber porque; sois o miasma que tresanda nas sombras dos Ministérios e dos palácios dos interventores; sois a sarna que põe todo o povo a coçar-se, dia e noite; sois a lepra nacional.

Dizem que estais divididos em duas correntes, cada qual em torno do palácio de uma interventoria, escorrendo pelos quartéis e pelas redações dos jornais, como o pus amarelo dos antrazes. Dizem que se organizam presentemente duas revoluções armadas, premeditando golpes de Estado. O rol dos compreditos de um lado e de outro, segundo boateiro impudente e descarado que tresanda como o gás sulfídrico de um organismo nacional que sofre de infecções intestinais, o rol dos comprometidos nas duas aventuras grotescas apresenta nomes que envolvem responsabilidades de altos cargos. E, entre os nomes, quer de um lado, quer de outro, lá estão os daqueles que representam a situação, essa mesma situação que faz passar de afogadilho uma lei de segurança nacional!

Eles, os autores da lei, estão conspirando. Contra o governo? Nem se sabe: tanto de um lado como de outro, estão altas personagens desse mesmo governo! Tanto de um lado como de outro, os paredros frequentam o Palácio Rio Negro. Tanto de um lado como de outro, há interventores, há ministros, há generais, há deputados, há partidos situacionistas,

Em torno de uns e de outros, a vermina referve, prolifera a bactéria de putrefação das consciências. Cresce na atmosfera da Pátria o fedor das decomposições, dos fermentos que preludiam as cinzas finais em que se resolve a moral de um povo.

Esses grupos e grupinhos, que andam aos cochichos, são alimentados, na sua protervia, nos seus instintos destruidores, pelos próprios homens de responsabilidades e muitas vezes animados, com tampinhas amáveis nas costas, pelos próprios detentores do poder.

Chegamos à extrema degradação moral. Quem quiser saber o que pensam uns dos outros os homens do governo, basta procurá-los. Uns arrasam com a reputação dos outros. Todos se odeiam. E o que é mais vergonhoso é que, depois de os ouvirmos, um por um, acerca do que pensam dos demais, vemos-os todos de comparsaria, fingindo-se amigos e, muitas vezes, tramando juntos conspirações em que a traição entre eles mesmos é a regra invariável.

Ninguém mais sabe com quem está Fulano e com quem está Sicrano e em que conjuração se meteu agora

Beltrano. Porque a semana passada Fulano estava com Beltrano contra Sicrano e hoje as coisas se inverteram.

Quando Fuão dos Anzóis fala em público, está certo de que ninguém nele, porque a norma hoje em dia é despistar. Estamos no caos. A desordem é completa e acabada. Porque não pode haver ordem quando não há confiança, e não pode haver confiança quando tudo é interesse pessoal. Uma só coisa pode unir os homens: uma doutrina. Ora, os nossos homens públicos, de todos os partidos, de todas as conspirações, de todos os governos, sem exceção, jamais falaram claramente ao povo brasileiro dizendo o que pensam, mas com nitidez, com coragem mental. E como "quem cuida usa", esses perturbadores da segurança nacional, divididos em dois campos de miséria, entreolham-se como cães na disputa do osso magro da Nação, dão-se ao luxo de espionar o Integralismo, cada maçaroca supondo que estamos com a outra maçaroca, como se nós fossemos da laia dos Catilinas mambembes desses dramalhões de terceira classe.

*

*   *

A prontidão dos quartéis é um fato vulgar em nossa desgraçada vida de hoje. O movimento de tropas de um lado para o outro é o pão nosso de cada dia. Parece que há um propósito preconcebido de fatigar a Nação, de deixá-la exausta, inerme, imóvel. Então, os corvos virão arrancar-lhe os olhos.

Tem-se a impressão de que todos os dias alguma coisa está morrendo. Esses cochichos parecem as vozes abafadas nas casas onde existe algum agonizante. Os médicos discutem nas antecâmaras. O diagnóstico? A terapêutica? Não, senhores: discutem o próximo inventário, os bens do moribundo, a habilitação creditória. As pessoas da família segredam-se pelos corredores. Palavras de amor e de saudade? Não, senhores: falam na repartição das casas e das terras, das joias e do mobiliário. As visitas chegam com cara de compunção. É o farejamento dos herdeiros. Os criados discutem a partilha dos sapatos.

Mas, no caso deste pobre, deste infeliz, deste indigente Brasil, a sua agonia mais se parece com a morte dos míseros sertanejos. Roído de febre, o enfermo delira. A caboclada juntou-se para “passar a noite”. De hora em hora corre a garrafa de cachaça. É o parati das conspiratas, o morrão de confabulações, a cariacica dos comentários picantes, a caninha amelaçada das explorações ignóbeis, a pinga das traições. Pela madrugada, estão todos bêbados. As carpideiras estão chegando desgrenhadas. Os macumbeiros puxam a reza. É a embriaguez coletiva, em que os corpos tombam como suínos. Luzem facas na noite trágica. Outros, cantam os misereres fúnebres com voz pastosa.

Essa é a morte do Brasil. Nosso pobre, nosso querido Brasil!

*

*   *

A isso reduzistes nossa Pátria, ó conspiradores de todas as conspirações! Ó homens sem juízo e sem noção de responsabilidade! Ó homens que despistastes tanto que acabastes vos despistando a vós próprios! Ó homens que adotastes a insinceridade por norma, o engano por método, o ódio por inspiração, o orgulho por incentivo, o egoísmo por ideal e a politicagem por alimento! Ó homens, que ensinais o pior dos vícios ao nosso povo: o vício dos pensamentos ocultos, das maquinações nas trevas, da espionagem sistemática, da hipocrisia cínica! Ó masturbadores da Nação, depravadores dos instintos de um povo, excitadores da sensibilidade! Ó sádicos perversos, que fazeis sofrer a nossa Pátria os permanentes sobressaltos e as dores mais cruéis que são as dores da consciência de uma inferioridade nacional que pretendeis, cada vez mais, pôr em evidência! Ó masoquistas, que amais os tormentos que vós mesmos criais, como a dúvida em que estais a respeito das próprias pessoas que vos cercam, o terror das palavras que pronunciais, das confabulações que tendes, nas quais os interlocutores se olham com as desconfianças com que se olharam dois chacais se palestrassem! Ó necrófilos que refocilais sobre o corpo de nossa Pátria agonizante, como asquerosos Febronios, rangendo os dentes das ameaças de golpes de Estado, crispando os dedos, sobre a garganta da vítima e escabujando sobre o seu ventre a impudicícia de vossa repelente histeria! Ó doidos varridos, perturbadores da paz dos lares, que sobresaltais as famílias como noturnos endemoniados, que lançais a indisciplina nos quartéis, despertais rivalidades

entre brasileiros, que preparais as lutas fratricidas, que arrastais a mocidade das Províncias para o crime de Caim!

E também vós, ó presidentes da República, que não vos definis ideologicamente, nem politicamente; e também vós ó ministros, que vos atassalhais uns aos outros; vós, ó generais, que vos detestais uns aos outros cordialmente; e também vós, ó interventores, que fazei a comparsaria tenebrosa de uma politicagem desenfreada, hipócrita e cruel; e também vós, ó jornalistas, que sofismais, deturpais, desorientais — todos vós também sois responsáveis por esta inquietação permanente, por este suplício em que definha nosso Brasil!

*

* *

O Integralismo a todos vós vos condena em nome da História. Podereis unir-vos para nos esmagar e perseguir. Nós somos os homens que não conspiramos. Nós somos os apaixonados pela grandeza e unidade da Pátria. Nós somos os que pensamos alto. Nós somos os que não nos reunimos em confabulações secretas. Nós somos os que amamos e veneramos as nossas Forças Armadas, sonhando para elas uma magnificência jamais vista no Continente, e que por isso padecemos a dor de vê-las traídas por elementos do seu próprio seio, vilipendiadas pelos que tem todo interesse em destruí-las pela divisão e pela politicalha, pelas conspiratas dos grupos, afim de que nosso amado Brasil nada mais tenha que o defenda. Nós somos os que possuímos uma doutrina firme, fixa, nítida, clara, franca, abertamente pregada. Nós somos os que oferecemos

sofrimentos e não cargos e posições. Nós somos os que sustentamos em todas as lutas, à luz do sol, as ideias de Deus, da Pátria e da Família. Nós somos os que queremos ordem e disciplina. Nós somos os que queremos respeito ao princípio da Autoridade. Nós somos os que queremos o culto das Tradições Nacionais. Nós somos os que estamos organizados em mais de três mil (notai bem: três mil!) cidades brasileiras, que estão prontas, como outros tantos Canudos, a sacrificarem-se, inteiramente, pelo sagrado ideal. Nós somos os que sonhamos para o Brasil uma posição elevada na América e que choramos diante do desprestígio que temos sofrido, quer no caso de Letícia, quer no caso do Chaco. Nós somos os que queremos um Exército de centenas de milhares de soldados, para darmos um destino continental a este país atassalhado, carcomido pelas mais sórdidas lutas internas. Nós somos os que sonhamos para a nossa Marinha de Guerra uma posição tão luminosa como aquela que ela teve como primeira do Continente, no tempo em que nós éramos o árbitro supremo da política americana. Nós somos os que sacrificamos interesses, os que vivemos pauperrimamente, para repartir o nosso pequenino pão com a nossa Ideia e que por isso estamos organizados desde o Acre e o Amazonas ao Rio Grande do Sul. Nós somos os que perdemos na Praça da Sé e em Baurú, três companheiros, que tombaram lutando por Deus, pela Pátria e pela Família, contra os comunistas, assim como tivemos em Cahi, a primeira vítima abatida em holocausto da união entre todos os brasileiros. Nós somos os que fomos às cabeceiras do Alto Rio Negro doutrinar 5.000 selvagens, que logo após a

demarcação dos limites com a Colômbia, abandonaram roças e moradas, correndo nus e esfaimados, para o lado do Brasil. Nós somos os que vamos às escolas primárias e secundárias ensinar esta coisa sublime às crianças: Brasil, Brasil e Brasil! Nós somos os que penetramos nas fábricas para dar consciência ao operário de sua função como Homem e como Chefe de Família, como Brasileiro e Cristão. Nós somos os que estamos em todas as Escolas Superiores da República, tendo arrancado do comunismo, do ceticismo, dos prazeres fáceis, legiões e legiões de moços. Nós somos os que penetramos os sertões, em todo os sentidos, levando o Evangelho da Pátria pela voz dos nossos missionários nacionalistas, assim como viajamos hoje, como tripulantes, soldados e marujos, em todos os navios mercantes e fluviais que cortam as ondas do mar brasileiro e as águas dos grandes rios. Nós somos os que mantém cursos de estudos e de pesquisas sobre os problemas da Pátria, em todas as Províncias, cursos esses que se desdobram por todos os municípios. Nós somos a geração nova, a geração sofredora, a geração predestinada a constituir o Sagrado Tribunal da História que vos julgará, a todos, ó conspiradores de todas as conspirações e homens públicos de todos os cargos!

E nós, principalmente, ó atormentadores da Nação, ó homens que ainda não dissestes em público o que pretendeis fazer dela; ó homens que em vez de estudar, praticais política; em vez de confessar uma doutrina ou pelo menos uma ignorância ou descaso, iludis, confundis, aviltais a opinião pública alardeando sovadas patranhas soezes; em vez de pregar ideias, achais mais comodo

conchavar, conjurar; e que amais as sombras em vez do sol límpido, — nós somos, principalmente, os homens que acreditamos em Deus.

Conspirai, conspirai! Confiai uns nos outros quando e como puderdes; comprai armamentos; sublevai quartéis; achincalhai, como estais habituados, as nossas Forças Armadas; fazei demagogia; intrigai; despistai; usai das forças de que dispuserdes e, se tiverdes ânimo, arrebentai-vos logo, porque esses tumores todos estão túmidos de pus que é preciso escorrer.

Não vos detenhais, ó conspiradores de um lado e do outro, dos palácios e ministérios, das redações dos jornais e dos quartéis; consuma vossos crimes; matai a Nação. Transformai-a num México, ensopai-a de sangue como um novo Chaco; persegui, prendei, deportai. Tereis nas mãos o cadáver de um Povo. Nós preferimos entregar a causa do Brasil a Deus. NELE só confiamos. DELE esperamos o milagre. Não temos armas; o Céu estará, porém conosco. Não temos dinheiro: também não o têm os pássaros do céu e os lírios do campo. Não temos posições ilustres: também não as possui Davi, que era pastor, e abateu o gigante Golias, e o própria Jesus deu o exemplo de pobreza aos nossos mais pobres milicianos.

Com esta Fé, marcharemos. Com esta Fé, passaremos por vós. Com esta Fé, gritaremos à Nação, quando ela estiver morta em vossas garras: — Meu Brasil! Meu Brasil!

E o mundo assistirá assombrado à luminosa ressurreição de uma Pátria! (1)

(1) Na ocasião em que foi escrita esta página, tramaram-se diversas conspirações no país. Havia uma inquietação aflitiva nos meios militares. Dentro do próprio governo havia conspiradores. Agitavam-se os extremistas comunistas e liberais, dos partidos burgueses. O Integralismo precisava falar a sua palavra firme. O tom de exaltação desta página demonstra o superior pensamento de construção nacional que orienta o Movimento do Sigma.

VI
A força de uma ideia

O subconsciente nacional, trabalhado por energias surdas, — temperamentos raciais, complexidades históricas, influência de cultura, circunstâncias universais, tendências modernas do espírito humano, forças cósmicas — desperta na alma dos homens em anseios que traduzem os desconhecidos mundos subjetivos e adquirem a expressão poderosa de uma Ideia Nova.

Então essa Ideia pertence a poucos, muito poucos: são os pioneiros, os apóstolos, os evangelizadores, os revolucionários.

É o período doloroso, dramático, das incompreensões e dos sacrifícios. A Ideia Nova, porém, traz consigo as energias que alimentam os semeadores, e os consolam, e os animam, dando-lhes essa capacidade extraordinária, que espanta a todos aqueles que se subordinam à fatalidade dos velhos hábitos, que se escravizam à tirania dos preconceitos.

Esses homens têm, como principal característica, a teimosia. Agem, sem cessar. Nada os detém. Nada os intimida. Nada os dissuade. Contra tudo e contra todos, lutam. São, no começo, uma minoria. Sua força, porém, traz o mistério das forças totais, das ignoradas forças latentes da alma de um povo. E, pelo magnetismo da palavra e da ação, os homens novos fazem a Ideia Nova penetrar no seio das massas populares.

*
*   *

É aí que se processa um fenômeno curioso. A Ideia que veio traduzir numa forma consciente, o imenso e nebuloso subconsciente nacional, regressa, agora, como um elemento novo, inesperado, ao próprio seio de sua proveniência. Ela, a Ideia, é a síntese poderosa do manancial de energias múltiplas e contrastantes. Ela é a harmonia que se constitui das formas complexas, arrítmicas e desordenadas. Ela é o “conhecido”, que veio do

"desconhecido". Ela é a luz que veio da treva fecunda e martirizada de todas as intenções incompreensíveis e fracassadas tentativas. Ela é a palavra, que se estruturou com as articulações elementares. É o verbo, é a essência, é o "princípio". E, entretanto, regressa à nebulosa amorfa. A nebulosa é a alma coletiva, é o complexo doloroso e rudimentar. Mas ali residem as forças eternas. E a Ideia precisa agora para que ela resplandeça na pureza de suas linhas, na nitidez de suas formas, regressar à fonte das energias.

*
* *

Esse é um instante em que começa a elaborar-se a Grande Ideia, segundo as proporcionalidades e as fórmulas estruturais da Ideia Primeira, da Ideia Motriz, da Ideia Inspiração. É o ritmo que entra no caos. É o ordenamento das grandes linhas. É absorção da nebulosa, segundo o impositivo das afinidades essenciais e a misteriosa morfologia dos novos ritmos.

É o instante em que a Ideia penetra na multidão despertando energias sentimentais, condensando inquietações, transformando sofrimentos em imagens, avolumando-se, e tudo isso de maneira tão imprevista à última "consciência histórica", à última "forma de mentalidade" e aos hábitos correntes, que, a não ser raros espíritos de eleição, ninguém percebe o extraordinário fenômeno demarcador das épocas históricas.

Desse modo, quando menos se espera, a Ideia Nova deixa de pertencer aos seus criadores, aos seus intérpretes e pioneiros, para pertencer a toda a massa popular.

Nesse momento, a Ideia Nova regressa da imensa nebulosa da massa popular e passa a dominar despoticamente os seus próprios anunciadores.

*

*   *

Foi o que se deu com o Integralismo. No começo, poucos eram os pioneiros da Ideia do Sigma. Sua luta foi terrível, sua tenacidade espantosa, sua teimosia só encontrava um símile na perseverança heroica dos desbravadores do sertão brasileiro. Seus sacrifícios, suas humilhações, seu martírio, fortificavam, porém, a sua Ideia.

Essa ideia penetrou a massa. Regressou ao limbo onde dormem as forças perenes da Raça, da Terra, da Nação. Essas forças despertaram. E como afirmaram ao cenário da vida brasileira, com tal capacidade de domínio, que espantam aqueles mesmos que iniciaram o apostolado integralista.

VII
Falsos nacionalismos

A Internacional Comunista determinou aos seus adeptos dos países chamados semi-coloniais, que adotassem, por tática, a propaganda nacionalista e de combate ao "imperialismo". Recomendou ainda que fomentassem o espírito de discórdia entre os pretos e os brancos. Recomendou mais que aderissem a todas as correntes liberais.

Já em 1930, discutindo essa tese no Congresso Comunista de Buenos Aires, o representante do Brasil foi a ela francamente favorável. Temos em mãos os anais desse Congresso cujas conclusões tanto influíram na participação dos comunistas na revolução de 1930. É que foram examinados os casos da Colômbia e da Venezuela, onde os comunistas se haviam mantido em atitude de intransigência doutrinária, não dando apoio aos liberais, o que redundou no advento de leis compressoras, dada a situação fortalecida dos reacionários, em face da divisão dos elementos revolucionários.

O Brasil foi considerado naquele congresso como o tipo da melhor organização comunista da América do Sul, só rivalizando com o nosso país, o México e o Uruguai. E que, aqui, os comunistas se dissimulavam perfeitamente, misturando-se com os burgueses, ocupando cargos técnicos da administração, infiltrando-se por entre militares e adotando uma política plástica, maleável de acordo com a técnica bolchevista.

A orientação traçada para que se desencadeasse uma campanha de caráter nacionalista não sabemos porque deixou de ser seguida durante os anos seguintes à

revolução de 1930. Esse é, porém, o método que melhores resultados deu na China, no México, no Chile, em Cuba e outros países escravizados ao banqueirismo internacional. Pode-se mesmo dizer que o nacionalismo tem sido uma arma sempre usada na própria Rússia, pois os bolcheviques, antes do advento do poder, não se manifestavam como comunistas ostensivos, e sim como políticos "oportunistas", no sentido técnico que essa palavra tem. Os processos, realmente, de Lenin, são de "oportunismo". Quando usamos aqui a palavra oportunismo, não a empregamos no sentido liberal-democrata, de satisfação pessoal e imediata de ambições; empregamo-la no sentido que ela tem como tática.

Os golpes devem ser sempre dados na "oportunidade histórica". O desenvolvimento da ação comunista deve obedecer, também, nas suas diferentes fases, a "oportunidades", que determinam atitudes.

É curioso observar, por exemplo, no livro de Lenin, "Extremismo, doença infantil do marxismo", a maneira como ele encara as chamadas "forças de vanguarda", que de nenhum modo são comunistas, mas servem inconscientemente ao comunismo. É o caso, por exemplo, de um espírita, um católico, um protestante, que, cada qual a seu turno, assume posição de combate ao Integralismo, por este ou aquele motivo, de ordem religiosa, de má compreensão do problema da Pátria, colocando num terreno onde não deve estar. É o caso, por exemplo, de um liberal, que tendo uma errada compreensão da liberdade, combate a ordem e a disciplina. É o caso, também, de um

militar, que procure pretextos de ordem disciplinar, para não comungar com aqueles que se erguem na defesa dos princípios fundamentais da própria disciplina. É o caso, ainda, de um regionalista, que se perde às vezes no próprio excesso do separatismo, como aconteceu na Catalunha, onde a força nacional se enfraqueceu, deflagrando-se em seguida a tormenta comunista. É, enfim, o caso dos que, preocupados com a paixão dos partidos políticos, enfraquecem as forças nacionais de resistência, declarando que o comunismo não pega, não há nenhum perigo porque o povo não a aceitará. Todas essas são "forças de vanguarda" como muito bem as denomina Lenin.

Não é preciso fazer propaganda comunista para se chegar a ele. O México, pode-se dizer que está entrando sem escândalo mundial, no regime comunista, através das diferentes etapas de nacionalismo mal compreendido e de socialismo moderado.

É preciso ter-se em vista antes de tudo, que socialismo e comunismo significam a mesma coisa. Pois Marx era socialista. A linha pura do socialismo é, na verdade, o marxismo. É a evolução natural da sociedade capitalista, para as suas últimas consequências.

As duas correntes políticas que se originam de Marx são uma e a mesma coisa. Muita gente há que se diz socialista e acredita em Deus. É porque não estudou o socialismo. O socialismo baseia-se no materialismo. Outros há que apoiam o comunismo, o esquerdismo de todos os matizes, dizendo-se respeitadores da família, absurdo que depõe contra a inteligência de quem o adota, pois o

comunismo quer destruir a família. Outros há que falam em Pátria, sendo partidários dos bolcheviques. Todos esses não passam de "forças de vanguarda", de instrumentos passivos, dos quais Lenin desdenha e se aproveita.

Eis por que, no momento presente, o nacionalismo que acaba de ser proclamado pelos comunistas deve ser repelido, por todos aqueles que amam a Pátria.

A última palavra de ordem da Internacional Comunista para o Brasil foi a de nacionalismo. Com essa palavra já se incendiou a China. Com essa palavra já se levou o México ao esquerdismo.

Hoje só existe um nacionalismo no Brasil: é o Integralismo. Porque o nacionalismo não é uma questão de palavra, mas de organicidade. O que é o nacionalismo? É a manutenção da integridade da Pátria. Como a Pátria pode ser íntegra? Mantendo as suas tradições. Quais as tradições da Pátria Brasileira? O culto da família, o respeito à liberdade religiosa, com a sustentação do princípio de Deus, o princípio da propriedade, a manutenção dos velhos costumes nacionais, a repulsa a todas as ideias contrárias à grandeza da Nação, ao seu prestígio no Exterior, à sua força militar.

Essas são as tradições nacionais e sem elas não existe nacionalismo. O nacionalismo que nelas não se apoiar não é nacionalismo. É simples instrumento da tática bolchevista.

Um dos aspectos mais curiosos dos falsos nacionalismos é também o seu falso anti-imperialismo.

Quando os corifeus dessas correntes se dizem inimigos do imperialismo econômico, eles se referem ao pobre proprietário de fazendas, que vive enforcado pelos agiotas, ao coitado que possui uma casa que levou a vida inteira para adquirir. Ora, nós sabemos que nada é tão contrário ao imperialismo financeiro do que o princípio da propriedade. O jogo do câmbio, a especulação bolsista, fazendo baixar o valor aquisitivo do nosso "mil réis" no Exterior, com o que determina a sua valorização interna, em razão do retraimento nos negócios, objetiva a desvalorização das propriedades. Estas, cada dia, vão saindo da mão de seus legítimos detentores, para cair nas unhas dos banqueiros internacionais. Portanto, o banqueirismo internacional é comunista, é proletarizador das massas.

Nestas condições, toda campanha que se dizer anti-imperialista e ao mesmo tempo combate o princípio da propriedade, não está fazendo mais do que o jogo dos super-capitalistas de Londres e Nova York.

Fingindo-se inimigo, são os mais legítimos aliados esses dois inimigos da Pátria Brasileira: o capitalismo internacional e o comunismo russo, disfarçado em campanha anti-imperialista, anti-guerreira, nacionalista.

Se aparecer no Brasil, presentemente, alguma organização declarando-se inimiga do Integralismo, nacionalista, anti-imperialista, que os brasileiros perguntem aos seus chefes: De que maneira vão vocês construir o Estado? Com partidos? Com corporações? Sustentando os princípios de Deus, Pátria e Família, que são as bases da tradição nacional? E que dizem do princípio de

propriedade? E que dizem do desdobramento e fortalecimento do nosso Exército? E que dizem da disciplina e da ordem? E que dizem dos métodos pedagógicos modernos? Qual deles vocês adotam? Que dizem da autonomia da Família? Que dizem da liberdade da pessoa humana? Que dizem das nossas relações com a Rússia? Acham que devemos manter relações com o soviete?

E, se os pseudo nacionalistas não responderem, fiquem certos todos de que são comunistas disfarçados. E podem perguntar ainda: quem são os seus chefes? Que pensam eles de Marx?

Que todos os brasileiros se lembrem de que a palavra de ordem da Internacional Comunista é “nacionalismo” e “liberalismo”.

É também a palavra de ordem do banqueirismo internacional. E é por isso que os agentes de Londres e Nova York se dizem todos nacionalistas liberais.

VIII
Capitalismo e Comunismo

A identificação do Capitalismo com o Comunismo é uma consequência lógica do exame que fizermos:

1. — Da identidade de suas origens filosóficas;

2. — Da identidade de suas origens econômicas;

3. — Da unidade de direção no processo de desenvolvimento;

4. — Da unidade do objetivo final.

Examinemos, um a um, estes pontos e chegaremos à conclusão de que não é possível combater o Capitalismo sem combater o Comunismo, do mesmo modo que não é possível combater o Comunismo sem combater o Capitalismo. Pois tanto um como o outro não passam de um só cabeça, com duas caras, cabeça ligada ao mesmo corpo, que é o materialismo, a subordinação do Espírito Humano à brutalidade das forças cegas da natureza, ou melhor, de uma das faces da natureza, isto é, a material.

Assim vejamos.

Identidade de origens filosóficas

O Capitalismo é uma consequência do Liberalismo. O Liberalismo é o império do Individualismo. O Individualismo é o rompimento com todas as disciplinas morais capazes de compor equilíbrios na sociedade, de acordo com os interesses superiores do Espírito.

Por consequência, o Individualismo é o Materialismo. E a prova de que o Individualismo é o Materialismo é o fato dessa concepção de vida ter tido como fonte os postulados epicuristas, estoicistas ou naturalistas que constituíram toda a trama de pensamento dos fins do século XVIII, da Enciclopédia e da Revolução Francesa.

O “homem natural” de Rousseau é o índice de todo o Individualismo que gerou o Liberalismo. Se o Homem devia ser “natural”, era lógico que a Economia fosse também “natural” e que nenhuma força interviesse, nem os movimentos do Homem, nem nos da Economia. Tudo deveria ser subordinado às próprias leis da matéria.

Foi seguindo esses princípios materialistas que a Burguesia se desenvolveu, como instrumento passivo nas mãos ocultas da Finança Internacional, que, há longo tempo, vinha se organizando.

Lançada a luta livre no mundo, fechadas as corporações operárias, proibido o Estado de intervir nos fenômenos da produção, da circulação, da distribuição e do consumo das mercadorias, começou a verificar-se o que seria inevitável: os fortes a oprimirem os fracos.

A liberdade contratual, dando direitos e poderes a cada indivíduo para propor e aceitar salários, colocou o operário, isolado e fraco, diante do patrão imensamente mais forte. Coagido pela concorrência de outros operários, o ofertante de “trabalho” via-se na dura contingência de subordinar-se à oscilação dos preços. O “trabalho” foi transformado em mercadoria sujeita à lei da oferta e da procura.

A livre concorrência, no campo comercial, conforme observa Marx, que é um sistematizador burguês, levava os detentores dos meios de produção a cortarem os salários e aumentarem as horas de trabalho. Essa dupla luta de cada produtor, de um lado com o seu adversário e do outro com

os seus assalariados, determinava a derrota dos que apresentavam menores possibilidades de resistência e adaptabilidade.

Sendo injusta, imoral, semelhante situação, o Capitalismo precisou arranjar uma justificativa. Esta encontrou seus fundamentos no materialismo. O estudo da evolução natural abriu novos horizontes à brutalidade do Capitalismo. Enquanto Haeckel explica a origem da vida no mistério das "moneras", enquanto Darwin desenvolve a teoria do "struggle for life", que justifica o triunfo do forte, do mais apto, sobre o fraco, Spencer, com um extraordinário poder construtivo, sistematiza as grandes linhas do Evolucionismo, estabelecendo os seus "princípios" e acompanhando as manifestações da "matéria" e da "energia", desde a nebulosa às sedimentações geológicas, e desde os primeiros fenômenos vitais até à sociologia, à política e ao direito.

Spencer é o filósofo da Burguesia e do Capitalismo inglês, como Adam Smith é o economista do liberalismo nacionalista e imperialista da Grã-Bretanha. A palavra mágica, tanto para um como para outro, é a mesma de Darwin: a luta.

Nada mais natural para uma concepção materialista da vida. Nada mais lógico, para uma época em que o naturalismo levou ao experimentalismo e este à consideração unilateral dos fenômenos.

A palavra cabalística do século XIX, diz Farias Brito, foi: "evolução". Acho que podemos acrescentar a essa palavra, esta outra: "luta".

Só o Espírito une. A matéria divide. Por isso o Individualismo e o Liberalismo, filhos do Materialismo, lançaram as mais tremendas lutas sobre a terra. No campo da política, a luta dos partidos; no geográfico, a luta das regiões; no étnico, a luta das raças; no da produção, a luta de classe; no comercial, a luta da concorrência; no econômico-financeiro, a luta da moeda com a mercadoria; no internacional, a guerra imperialista.

Nem se diga, simplesmente, que essas lutas existiram sempre, porque isso seria confessar a falência de um século, de todo o orgulho da sua ciência e da sua filosofia. Porque o fato é que as velhas lutas de que nos deveríamos libertar, num estágio superior de civilização, foram agravadas e a elas o Materialismo acrescentou outras mais estúpidas e cruéis.

Era lógico, portanto, que Karl Marx, o fundador do comunismo, sendo um burguês e filho do século XIX, imprimisse à sistematização de sua obra o mesmíssimo timbre da filosofia burguesa, que é a filosofia da luta estúpida e cega, do materialismo justificador dos triunfos dos fortes sobre os fracos.

Essa identidade de pensamento, de concepção de vida, que se surpreende no Marxismo e no Capitalismo Liberal, ambos subordinados às leis inerentes a um aspecto isolado da Natureza, revela, também, no Comunismo, que

tantos acreditam ser a doutrina “da moda”, o caráter inconfundível do século passado: a unilateralidade. É por isso que Henri de Man afirma que o Marxismo não passa de “uma forma particular de uma mentalidade geral própria do século passado”. Basta, aliás, ler as reflexões de Sorel, para se ter presente no espírito do sindicalismo revolucionário em que também se baseou Lenin, a identidade do pensamento darwiniano, do pensamento burguês dominante em todas as teorias da Evolução.

No tocante a Marx, a própria “dialética” de Hegel, que é o dínamo propulsor da sua doutrina, é uma concepção cujo sentido dualista de luta se apresenta com um caráter marcadamente século XIX.

Hoje, que a lei da gravidade de Newton, em cujo expressão expositiva se encontra o caráter da época dialética, cede lugar a uma nova concepção dos movimentos; hoje, que as velhas concepções do Espaço e de Tempo dos evolucionistas cede lugar a uma compreensão nova dos ritmos universais, desde Henri Poincaré; hoje, que vamos encontrar no recesso dos átomos, não apenas a negação da Matéria, mas a unidade das leis universais e a unidade da energia, nós, homens do século XX, nos sentimos muito mais próximos de Aristóteles do que dos filósofos materialistas dos quais procede, como uma flor da burguesia crepuscular: o Marxismo.

O que não se pode negar é a identidade absoluta do Marxismo com a filosofia burguesa, criada para oprimir os humildes e justificar a exploração do homem pelo homem.

O que é fora de dúvida é que o Capitalismo e o Comunismo não passam de palavras diferentes para designar a mesma coisa: a brutalidade da violência, o materialismo grosseiro.

Identidade de origens econômicas

Acaso o Marxismo se rebela contra a Economia Burguesa? Acaso o Comunismo se revolta contra o Capitalismo? Se a filosofia comunista é a mesma capitalista, como se acaba de ver, como pode engendrar o comunismo uma Economia Nova?

Mas, acaso, uma Economia Nova é anunciada pelo Comunismo? Mas, então, ele renega as "leis naturais"?

Se nega, deixa de ser materialista e passou para o campo da ética espiritualista.

Se não nega, então não é revolucionário, como se apregoa, pois se submete à concepção de vida que pertence, em primeira mão, ao Capitalismo e à Burguesia.

O Comunismo pretende dar fundamento moral à Economia? Mas então reconhece que a Economia não pode subordinar-se ao materialismo naturalista? Nesse caso, o Marxismo está renegando seus próprios fundamentos, isto é, o decantado "materialismo histórico".

O Comunismo objetiva uma "justiça social"? E pretende realizá-la sob o império das "leis naturais"? Perguntamos: qual é a moral das "leis naturais"? Qual o interesse de justiça das "leis naturais"? Se pegarmos numa corrente elétrica de muitos mil volts, as leis naturais

obedecerão a um princípio de justiça? Ou só será fulminado aquele que o merecer? O Comunismo acha que pode haver interferência do Homem, segundo o seu interesse, nas “leis naturais” da Economia? Mas isso é negar todo o velho determinismo da Evolução e do Materialismo oficial onde o Marxismo se abeberou.

A verdade é que o Marxismo não passa de um capítulo acrescentado à Economia Burguesa. E é o próprio Marx quem o confessa, declarando que não nega as leis que foram sendo descobertas, desde os fisiocratas, mas a elas vem acrescentar outras que ele descobriu. Ele é um continuador de seu patrício, o judeu Adam Smith.

Marx descobre algumas leis novas, sendo a fundamental do seu sistema, a da mais valia. Ele foi continuador dos burgueses evolucionistas e materialistas. Preocupa-o a precipitação do processo evolutivo do Capital. Pede, então, emprestado, a um outro burguês, Hegel, o seu processo dialético. A sua "filosofia de ação" é uma beberagem onde se misturam todas as tisanas filosóficas do século XIX. A sua Economia é a subordinação aos mesmos princípios da Economia Liberal Burguesa.

Pensando bem, a obra de Marx é a apologia do Capital. É absoluta a identidade de propósitos do Comunismo e do Capitalismo. O Comunismo é, apenas, um pouco apressado. O Capitalismo, através de seus teorizadores, cala as suas intenções secretas. O Comunismo revela as intenções secretas do Capitalismo e se propõe executá-las.

O Capitalismo quer o triunfo dos mais fortes, na lei da concorrência. Um a um, serão absorvidos os lutadores. Chegará a ocasião em que dois ou três dos financistas terão proletarizado todo o gênero humano.

Marx sabe que esse é o fim do Capitalismo e quer, não contrariá-lo, mas apressá-lo o mais possível.

O Capitalismo pretende que um dia os técnicos da Finança governem o mundo, absorvendo todas as autoridades morais, sociais, artísticas e políticas. E o Comunismo não quer outra coisa. Tudo se verá subordinado à Economia.

O Capitalismo é internacional; o Comunismo, também é internacional. O Capitalismo quer escravizar todos os povos; o Comunismo também.

O Capitalismo, através da usura, do jogo da bolsa, das oscilações do câmbio, atenta diariamente contra o princípio da Propriedade; o Comunismo prega abertamente contra esse princípio.

E tudo isso por quê? Porque Capitalismo e Comunismo são dois nomes para designar a mesma coisa: o materialismo. Ambos desejam o mesmo clima político: a liberal-democracia.

Unidade de direção no processo de desenvolvimento

Daí a prodigiosa unidade de direção no processo de desenvolvimento, tanto do Capitalismo como do Comunismo.

O Capitalismo, agindo internacionalmente, provoca as crises da Produção e do Consumo. O Comunismo, aproveitando-se dessas crises, incita a revolta dos vencidos.

O Capitalismo, controlando a moeda de todos os povos, provoca as crises do poder aquisitivo, que determinam a superprodução das mercadorias de um lado, e a incapacidade de comprar dos miseráveis; o Comunismo aproveita-se dessas circunstâncias, instiga a rebelião das massas sofredoras.

O Capitalismo, provocando uma situação de falsa superprodução, determina a baixa da produção e consequente excesso de braços, de desempregos, de teor de salários; o Comunismo, aproveitando-se da situação, provoca as greves e a mais rápida desorganização do aparelhamento econômico dos povos.

O Capitalismo, escravizando os governos, inibe-os de agir contra o Comunismo; este, servindo-se dessa ótima posição, desenvolve-se à vontade.

O Capitalismo, endividando os governos, determina o esfolamento do povo pelos impostos; o Comunismo, aproveitando-se do desespero do povo, provoca revoluções

de caráter liberal burguês, que facilitam a confusão num país.

O Capitalismo promove as guerras; o Comunismo as retaguardas.

O Capitalismo cria cada vez mais necessidades de gozo, de prazer, dificultando, ao mesmo tempo, a sua posse; o Comunismo instiga o ódio de todos os que assistem ao espetáculo de orgia da civilização burguesa.

O Capitalismo, despertando a luta pelos interesses materiais, mata no homem toda a espiritualidade; o Comunismo, encontrando esse estado de consciência, age, destruindo os últimos resquícios do que há de nobre e espiritual no homem.

O Capitalismo, através da luta violenta de interesses que deflagra, fomenta o egoísmo, e o egoísmo enfraquece as forças de união nacional; o Comunismo aproveita-se dessa situação e desorganiza toda a sociedade.

O Capitalismo, através dos negócios em que tomam parte os políticos, mantêm a seu bel prazer as lutas partidárias; o Comunismo, vendo os partidos distraídos na sua luta mesquinha, age livremente.

O Capitalismo governa o câmbio e o preço das mercadorias e dos salários; o Comunismo governa os sindicatos e as greves.

O Capitalismo e o Comunismo, de mãos dadas, lutam pelas liberdades, atmosfera propícia para o seu desenvolvimento.

Uma revolução da Burguesia chamar-se-á sempre "Aliança Liberal" e na sua retaguarda marcham os comunistas.

Uma revolução comunista chamar-se-á "Aliança Libertadora" e na sua retaguarda marcham os capitalistas burgueses.

Unidade de objetivo final

Ambos, Capitalismo e Comunismo, proclamam a Paz e preparam a Guerra. A Paz entre as Nações, fantasma ilusório, que não pode existir enquanto as forças econômicas não forem governadas pelos Estados, subordinados estes a princípios de ordem moral e espiritual.

Capitalismo e Comunismo querem materializar, mecanizar o Homem. Querem acabar com toda a ideia de Deus, com todo sentimento de Família e todo o culto da Pátria.

A educação do Capitalismo é materialista. E do Comunismo também. O governo do Capitalismo é agnóstico. Enquanto as sociedades secretas a ele ligadas destroem, dia a dia, o sentimento religioso dos povos, o governo do Comunismo é o ateísmo descarado, transformando em religião de Estado o materialismo burguês.

O Capitalismo deseja transformar toda a Humanidade numa grande máquina, para servir a uma raça eleita, a raça dos financistas. O Comunismo quer precipitar essa

transformação, dando o cetro político aos que já possuem o cetro econômico.

A Rússia é hoje governada por judeus. A finança ocidental também o é. Que misteriosa coincidência é essa? Pois então, os mesmos que governam politicamente a Rússia são os mesmos que governam financeiramente o Ocidente? E os ingênuos não veem nisso nada demais?

O fato é que o Comunismo e Capitalismo são uma e a mesma coisa. Por isso que Lenin foi para a Rússia com o dinheiro dos banqueiros judeus da Alemanha e Trotsky com o dinheiro dos banqueiros judeus de Nova York.

O clima desse monstro de duas cabeças é a liberal-democracia.

Todo brasileiro que for liberal-democrata neste momento está trabalhando, consciente ou inconsciente, para o Comunismo.

Este instante não comporta atitudes dúbias. Só há uma corrente política que enfrenta a esse monstro: é o Integralismo.

Com o Integralismo, por Deus, Pátria e Família, declaramos guerra aos escravizadores da humanidade, aos incendiários dos templos, aos destruidores dos lares, aos assassinos das Nações, aos opressores do operariado, aos animalizadores da humanidade.

IX
O dinheiro nos movimentos políticos

Todos os movimentos políticos, sejam de que natureza forem, acarretam despesas de toda espécie: propaganda impressa, viagens, aluguéis de sedes, de logradouros para comícios, taxas postais e telegráficas, manutenção de serviços burocráticos e muitíssimas outras.

É evidente que, havendo despesas, o dinheiro deve sair de alguma fonte. Quais são essas fontes? Elas variam, conforme a própria natureza do movimento e os seus objetivos.

Uns vão buscar seus recursos no erário público, servindo-se de pessoas que ocupam cargos administrativos e que neles, desviam as somas necessárias ao movimento que patrocinam. Outros recebem as importâncias necessárias dos movimentos congêneres, já triunfantes em outros países. Outros se valem do apoio de capitalistas, que os sustentam. Outros não trepidam diante do roubo, do assalto à mão armada. Outros, finalmente, fixam aos partidários tributações e recorrem ao sacrifício de simpatizantes.

Estes últimos são os movimentos que lutam com as mais duras dificuldades e, entre eles, temos a glória de incluir o Integralismo.

A nossa orientação doutrinária impede que usemos de outro processo para obter fundos com que façamos face aos dispêndios com a propaganda de nossas ideias. Não temos em nossas fileiras nenhum governador, nenhum prefeito de grande cidade, nenhum ministro de Estado. A campanha presidencial de 30, por exemplo, utilizou-se de recursos governamentais, como todo mundo sabe, o que foi tacitamente confirmado pelos seus autores, que não permitiram sindicâncias nos governos dos Estados aliancistas, como as que foram procedidas nos Estados cujos governos foram apeados os respectivos presidentes. Nem era possível uma sindicância, quando os juízes eram partes interessadas.

Isso, aliás, estava nos hábitos da liberal-democracia, e os políticos que caíram não podiam, por seu turno, atirar a sua pedra aos vencedores, que agiram pelo mesmo processo usual da Velha República. Era um mal da época, que levava, de um lado, o governo de São Paulo a subvencionar jornais do Rio, e, por outro, o governo de Minas a mandar mil contos de réis para um jornal democrático da capital paulista. Colocadas as coisas dentro do espírito da época, das lutas hegemônicas, dos interesses que Minas Gerais e São Paulo punham na conquista do bastão da política do nacional, cuja posse evitaria prejuízos muito maiores à economia de cada um desses Estados, o crítico da História terá de ser humano e justo na apreciação desses processos em voga.

Movimentos de tal natureza catalogam-se na primeira categoria que acima enumeramos. São semelhantes

àqueles, mesmo neste período após-1930, ainda se valem dos recursos de prefeituras ou tesouros estaduais para a propaganda de seus homens e de suas ideias.

A segunda categoria é a dos movimentos que recebem dinheiro de correligionários de países estrangeiros. É o comunismo, de todo o mundo. Seja aproveitando-se da venda da gasolina russa, por intermédio de qualquer agente estabelecido em praça do país, seja através de algum estabelecimento bancário, ou das casas comerciais que os Sovietes mantém na América do Sul, o fato é que o comunismo recebe dinheiro, para a sua propaganda, de estrangeiros que querem escravizar o povo da nossa Pátria. Se o comunismo caboclo seguir a tática dos comunistas russos, não trepidará diante de qualquer processo. O atual chefe do governo judaico da Rússia assaltou pessoalmente um carro em Tiflis, fazendo explodir uma bomba que matou mais de 50 pessoas, apoderando-se de milhões de rublos. Quando Lenin partiu da Alemanha para a Rússia, afim de fazer a revolução, foram banqueiros judeus que lhe pagaram as despesas, o mesmo acontecendo com Trotsky, quando partiu de Nova York. É, pois, o partido que maior facilidade encontra em arranjar dinheiro, pois não lhe importa a origem. O próprio Lenin não se cansava de atacar os “puritanos”, acusando-os de empatadores da revolução.

O comunismo, por tática, liga-se aos liberais, aos socialistas da meia esquerda, e, por intermédio destes, obtém fundos arrancados ao erário público. Basta observar um fato que entra pelos olhos de todo mundo. O Integralismo não somente proíbe seus adeptos de aceitar

cargos administrativos de confiança política, oriundos das mãos dos liberais democráticos, mas ainda exige que aqueles que ocupam esses cargos, se quiserem aderir às fileiras do Sigma, preliminarmente abandonem as posições. Pois o comunismo age de maneira contrária, servindo-se de lugares de confiança política na liberal-democracia. Isto é, aliás, da própria técnica de golpe de Estado, preconizada pelos bolchevistas.

Nem é preciso dar muitos tratos à bola para se tirar uma conclusão imediata do seguinte: se os esquerdistas no Brasil dispõem de vários jornais, na capital da República, e jornais diários, ao passo que o Integralismo mantém um, a custo, semanário (1). Nós sabemos o que é imprensa partidária no Brasil. Os prejuízos são enormes para qualquer jornal que não tem vida antiga e própria. Falo isso com experiência, porque em 1932 assisti quase à ruína de uma família, cujo chefe, num grande gesto de patriotismo, quis manter um jornal imparcial e impoluto, que teve de cerrar suas portas.

(1) V. a "nota" no fim deste capítulo.

A imprensa, de duas, uma: ou tem vida própria, segura, ou terá de cobrir os seus "déficits" com auxílio de alguém. Não há por onde fugir. O nosso jornal tem uma tiragem de 40.000 exemplares, é um semanário (1), e os integralistas precisam cotizar-se mensalmente para cobrir os seus "déficits". Pergunto: como podem viver tantos jornais diários, de matiz francamente comunista, sem vida própria, se não tiverem que os escore?

De algum lugar saí o dinheiro para a propaganda do esquerdismo, do anti-clericalismo, do anti-fascismo. Será do operariado? Mas o Integralismo tem inscritos em suas fileiras milhares de operários. O operário brasileiro está tão

desamparado por esse regime cruel e desumano da liberal-democracia, que a sua capacidade tributária para o partido a que pertence mal dá para a manutenção de seus próprios núcleos. Nossas despesas maiores pesam sobre nossos companheiros de classes liberais: advogados, médicos, engenheiros, funcionários, que se privam de muita coisa para concorrer para o nosso movimento. Não tenhamos, pois, ilusões: não é da massa que o comunismo tira o dinheiro para uma propaganda muito mais cara do que a nossa. De algum lugar é que vem. Só pode ser de três fontes: dos companheiros que ocupam cargos administrativos, do Soviete, que espalha dinheiro por mil meios indiretos ou direitos, e do capitalismo internacional judaico, ligado secretamente ao comunismo russo.

---

(1) V. nota final neste capítulo.

*

*   *

Outros movimentos há que se valem do apoio de capitalistas que os sustentam, por este ou aquele motivo. O próprio comunismo já tem tido os seus capitalistas. Seria curioso saber por que motivo a única casa poupada na comuna de Paris foi a do barão de Rothschild. Aqui mesmo no Brasil seria curioso que se fizesse um inquérito sobre a fortuna particular de alguns Mecenas bolchevizantes. Sei de um que mora em palácio e bebe champanhe em cuia e veste blusa de operário de seda. Sei de outro que dá

dinheiro a juros. Outros que bolchevizam através da arte e são milionários. Todo mundo sabe disso. São os “coronéis” do comunismo. Tudo isso demonstra que os movimentos políticos são obrigados a gastar dinheiro e o problema, no caso, que interessa ao povo, é saber de onde vem o dinheiro;

Eis porque vou dizer aqui de onde vem o dinheiro do Integralismo e de que maneira vem. E no que é aplicado. Os nossos adversários deverão, em seguida, fazer o mesmo.

O Integralismo vive às claras. O que afirmamos pode ser verificado imediatamente.

*

* *

Uma vez que o Integralismo não assalta carros fortes, como fez Stalin em Tiflis; uma vez que o Integralismo não se aliou a nenhum governador, presidente, prefeito ou interventor; uma vez que está demonstrando, pela política oposta da Itália e da Alemanha, que o fascismo não se liga internacionalmente, e que, portanto, nem a Itália, nem a Alemanha tem interesse em ver o Brasil com um governo forte, um Brasil que ombreie com aqueles países em prestígio internacional, e tanto isso é verdade que existem em São Paulo muitos filhos de italianos inscritos no Fascio e que inexplicavelmente não se inscreveram no Integralismo, como é também verdade que recentemente uma revista alemã aqui no Rio atacou o nosso movimento, uma vez que não temos nem banqueiros judaicos, como tiveram os comunistas, nem indústria pesada, como tiveram

os hitleristas, — pergunto; de onde vem o dinheiro para a propaganda e os serviços integralistas?

De três fontes vem o dinheiro para o Integralismo:

1. — da contribuição mensal de cada camisa-verde.
2. — das subscrições extraordinárias feitas entre integralistas jurados.
3. — dos produtos de festivais de arte e donativos de simpatizantes, estes porém, subordinados ao artigo 33 dos Estatutos da Ação Integralista Brasileira, que proíbe terminantemente donativos que, pelo seu vulto, visem modificar a orientação político-doutrinária da AIB, ou diminuir a autoridade de seus chefes.

O Integralismo conta, atualmente, no Brasil 3.000 (três mil) núcleos. Cada um desses núcleos vive à sua própria custa e ainda pagam hospedagem dos oradores que lhes enviamos. Fazem publicações, reeditam as que partem do centro.

Os nossos adversários que quiserem conhecer um tipo de Província Integralista, no seu aspecto financeiro, na entrosagem do interior com a Capital, vão, por exemplo, a São Paulo, procurem ver o fichário dos municípios e o fichário individual. Aquele serviço está organizado a primor e por ele se vê, em cada ficha, a contribuição dos núcleos, assim como dos integralistas, uns mais humildes, outros mais folgados, nenhuma quota de vulto. Some essas importâncias, confira com as despesas da Província, e verá

como vem e como se gasta o dinheiro no Integralismo. Os que quiserem conhecer a vida financeira do Integralista na Capital da República, procurem a sede, na rua Sachet 28, examinem alí o fichário, os livros, e se os visitantes tiverem um milésimo da honestidade mais vulgar, poderão informar a quem quer que seja que o Integralismo não é subvencionado por capitalistas.

No tocante às subscrições entre integralistas, é fácil verificar. Quem o quiser, inscreva-se em nossas fileiras, ainda que hipoteticamente... Fique aí um mês ou dois e verá como será incomodado. Já tive o caso de um brasileiro que entrou para nossas fileiras, com esse fim exclusivo. Ao fim de seis meses, pediu-me uma audiência particular. Recebi-o. Ele chorava. Tomou-me a mão e perguntou-me: "O sr. me perdoará, se lhe disser o mal que pensei do Integralismo?" Então, contou-me que, durante esses seis meses, só vira ali aflição por motivos financeiros, rateios, pobreza, abnegação e sacrifício. Ele viu o companheiro E.S. levar as joias da esposa ao prego, para acudir a uma duplicata; viu o operário Spinelli tirar cem mil réis por mês de seus magros ordenados, para manter o núcleo; viu o Chefe deitando-se às 6 horas da manhã, porque passava as noites escrevendo livros para os editores, afim de poder viver, uma vez que o movimento lhe absorvera de tal modo as horas diurnas, que as suas privações materiais eram cada vez maiores, e, no meio de tudo isso, as ofertas que lhe faziam de altas posições simpáticas eram rejeitadas; viu o companheiro M., pequeno negociante de esquina, arruinar-se; viu os estudantes, que deixavam de ir ao

cinema, para dar sua quota; viu tanta coisa, tão martirizante e tão gloriosa, que vinha pedir perdão e chorar.

É fácil acusar o Integralismo, quando há uma pena onde não vibra senão paixão dos instintos, a paixão diabólica que cega o raciocínio, obscurece a inteligência e mata o coração. Mas este movimento é tão grande, tão imponente, processou-se num milagre histórico que se operou em tão curto tempo, adquiriu tal vulto e majestade, que os que não o acompanharam ficam cegos até o dia em que a verdade os confunde.

Eu abracei aquele brasileiro, que tinha ímpetos de ajoelhar-se. E disse: "Meu amigo, isto é grande demais para ser compreendido; mas será ainda maior quando a História examinar. Você está perdoado e eu é que peço agora perdão ao povo brasileiro por ter feito uma coisa muito maior do que os dias presentes, num tão curto lapso de tempo. De certo, que não fui eu, que nada valho, mas Deus, que quer bem ao nosso Brasil".

Quanto à terceira fonte de dinheiro para o Integralismo, fonte essa que só depois do prestígio nacional do movimento tem sido utilizada, de maneira pública, isto é, produtos de festivais e donativos de simpatizantes, agimos, em relação a estes últimos, da seguinte forma.

Chegamos a um brasileiro que manifesta simpatias pelo nosso movimento e dizemos: "Sr. Fulano. O Integralismo é contra o capitalismo internacional; o Integralismo se revolta contra a injustiça social em que jazem os operários e os caboclos do interior do Brasil; o

Integralismo é contra monopólios, trustes, cartéis, latifúndios economicamente antisociais, predomínio de potentados, desamparo das classes trabalhadoras; o Integralismo combate a liberal-democracia, que anarquiza a Nação; o Integralismo combate o comunismo que está ligado ao capitalismo internacional; o Integralismo sustenta os princípios de Deus, da Pátria e da Família; o Integralismo não quer a escravidão do operário brasileiro, nem ao capitalismo, nem ao comunismo, que são uma e a mesma coisa; o Integralismo quer um regime de ordem e disciplina, onde o sr. não terá prerrogativas, não será um potentado, terá de subordinar-se aos supremos interesses coletivos; o sr., porém, com o Integralismo, tem garantida a sua família, a sua religião, a sua liberdade pessoal. O Brasil chegou a um ponto que: ou vai para o comunismo, ou vai para o Integralismo. O sr. escolha livremente. Se acha que o Integralismo deve vencer, ajude-o com o que puder. Não é um homem combativo, ajude financeiramente. Isso não importa em nenhum compromisso pessoal de nossa parte. Importa num só compromisso de honra: juramos manter o culto de Deus, da Pátria e da Família."

O Fulano, então, ajuda com o que quer ou pode. E é proibido dar em excesso. Isso porque os Estatutos da A.I.B. rezam, textualmente, nos termos de um estatuto registrado no cartório do tabelião Arruda, em São Paulo, e publicados no "Diário Oficial":

Art. 33 – É expressamente vedado à A.I.B.:

1. Receber donativos que visem pôr em evidência qualquer compromisso moral ou político de quem os oferece;
2. Receber donativos que venham por exceção a ser admitidos por serem verdadeiramente dados em nome da pátria ou da caridade;
3. Não admitir a publicação dos nomes dos doadores e a sua atuação como integralistas.

*

* *

A todos os brasileiros honestos ficam as linhas acima.

Os jornais comunistas apontam os nomes de vários industriais e capitalistas como sendo estipendiadores do nosso movimento. Temos a lhes dizer que, infelizmente, esses homens nunca deram um ceitil para o Integralismo, porque não são amigos do Brasil, porque são criminosamente indiferentes diante da dissolução da Pátria que estremecemos. Não queremos que esses homens nos estipendiem, nem a nossa dignidade o permite. Mas ao menos, que tais magnatas, que ganharam dinheiro do povo brasileiro, tivessem um gesto de dignidade, diante do nosso sofrimento, da nossa luta, e não ficassem agarrados à liberal democracia, dentro do mais criminoso egoísmo. Podem descansar os comunistas porque os capitalistas nos odeiam tanto como os agentes de Stalin. E os comunistas sabem muito bem porque eles nos odeiam. Porque entre Stalin e Rothschild, como entre Litvinov e Sir John Simon, existem relações secretas. Comunismo e Capitalismo são uma e a

mesma coisa: ambos contra a propriedade, a liberdade, a família, a moralidade e Deus. Ambos sequiosos por destruir a Pátria Brasileira.

É por isso que, quando os jornais comunistas nos acusam de receber dinheiro do capitalismo, os gélidos capitalistas calam, porque só eles, capitalistas, lucrariam com a desmoralização do Integralismo, pois continuariam a explorar o pobre operário da nossa terra, o infeliz povo brasileiro.

É a comédia que as sociedades secretas levam à cena, para distrair o povo, afastando-o da grande campanha de renascimento nacional.

Mas será inútil. Porque nós venceremos! (*)

(*) Nota na pág. 74 desta edição: "Depois da sedição comunista de novembro de 1935, foi suspensa a publicação dos jornais bolchevistas; a propaganda soviética é feita, hoje, nas entrelinhas dos jornais amarelos, ou sob o aspecto de combate ao Integralismo, conforme as últimas instruções da Komintern. Quanto à imprensa dos camisas verdes, após um esforço enorme e formidável sacrifício, conseguiu ler o semanário “A Offensiva”, transformado em diário, no Rio; foi lançado, em S. Paulo, o vespertino “Acção”, e no Ceará, “A Razão”. O crescimento espantoso de nossas fileiras vai possibilitando novas iniciativas e realizações.

X
Os heróis

Cada época tem um sentido de heroísmo. Ninguém melhor do que Bonaparte pode observar essa verdade. Foi por isso que, cessado o ciclo de glória militar, quando o corso meditava no seu crepúsculo de Santa Helena, pode

ele ver todo o panorama do século, que principiava, e afirmar à posterioridade que já não seriam os guerreiros os grandes homens de um mundo que nasci sob o signo das batalhas econômicos.

Cem anos decorridos, tivemos a Guerra Européia e pudemos verificar, através das peripécias do grande drama, da luta absolutamente técnica das trincheiras, que não havia mais o campo raso onde se puseram agitar as figuras dos heróis. A guerra tornara-se, em consequência dos progressos industriais, o jogo mecânico de forças e, principalmente, o jogo sutil das retaguardas financeiras.

No domínio da política, a Europa viu substituírem-se os generais pelos homens de partido. Quando apareceu o segundo Bonaparte, ele trazia debaixo da anacrônica e insignificante farda com que procurava imitar seu glorioso antecessor, a sobrecasaca do paizano cruzeiro em transações, partidárias. Foi transigindo com os políticos, foi cortejando a população à qual oferecia a panaceia do sufrágio universal, que Napoleão, o pequeno, reiniciou a sub-dinastia bonapartista. Quando ele quis dar um sentido napoleônico à política exterior, esquecido dos conselhos do exilado de Santa Helena, o desastre foi completo.

Sedan é uma lição eterna para os que pretendem repetir a História.

*

* *

Waterloo foi um aviso. Sedan foi um castigo. O bloqueio da Alemanha em 1915 foi uma confirmação das profecias napoleônicas.

É que a história não se repete. Não é possível à Humanidade viver retrospectivamente. A marcha é para o Futuro. O Futuro é o mistério que só desvendam os gênios políticos de um instante determinado.

Notam-se, não há dúvida, semelhanças de acontecimentos. Porque o processo social, no que ele tem de exteriorização, de expressão formal, opera-se no sentido uniforme do determinismo materialista. Mas o que há de essencial na transformação das sociedades, obedece às leis do espírito. E o espírito é o permanente improvisador. Seu arbítrio soberano é que domina a marcha do mundo. É ele que escreve a história.

*

*   *

Como já não é possível uma política exterior à maneira napoleônica, porque ela nos produziria, em vez de Austerlitz ou Wagram, as catástrofes nacionais de 1870 e 1918, também é sinal de mediocridade e de incapacidade de interpretação da História pretender solucionar os casos internos das nações com as velhas tisanas do Termidor e do Brumário, não digo no relativo à essência desses episódios, mas no que eles têm de expressão cênica, teatral.

Os caudilhos militares extinguiram-se depois do congresso de Viena e do movimento constitucional que o sucedeu. Sua memória desapareceu na Europa, depois do sufrágio universal e do Manifesto de Karl Marx. Eles foram substituídos pelos "homens de partido". Agora chegou a vez destes desaparecerem. As massas humanas procuram novamente o sentido heroico da vida social. Depois do longo período do materialismo darwiniana e spenceriano, em que a evolução determinista governou os povos, produzindo uma humanidade medíocre, as Nações entediadas suspiram novamente pelos heróis, que, porém, não são mais caudilhos militares.

*

*   *

A América do Sul viveu sob o regime caudilhesco, até às recentes revoluções que abalaram o Chile, o Peru, a Argentina, o Paraguai, a Bolívia e o Brasil. Essas revoluções, que se deram no período de 1925 a 1930, fecharam definitivamente o ciclo das ditaduras militares na América.

O nosso Continente, em consequência de sua multiplicidade de aspectos sociais, da coexistência de muitas fases do desenvolvimento econômico, demorou mais para perceber o sentido do século. Em 1930, foi o despertar. Quando se pensou que as ditaduras solucionariam os nossos casos, viu-se que a sua subsistência seria impossível sem bases históricas, que ainda não tinham sido criadas. No caso do Brasil, a própria Ditadura compreendeu isso, imediatamente restaurando o regime que havia derrubado. Percebeu o Ditador que não

poderia sustentar-se no Exército. Por outro lado, não seria possível apoiar-se nas correntes políticas, heterogêneas, confusas, cheias de exclusivismos regionalistas. No caso brasieliro, o movimento armado trazia no seu bojo as facções mais díspares e contraditórias, que não poderiam servir de alicerce a uma revolução nacional, muito menos a uma ditadura nacional.

Muitos loucos pensaram, desde 1930 a 34, que um golpe militar solucionaria o problema brasileiro, criando a almejada ditadura. Uma ditadura desse feitio seria um anacronismo. Não estamos mais na época dos golpes militares.

Se é verdade que a época dos "homens de partido" está passando em todo o mundo, não é menos verdade que a fase dos golpes de Estado também já passou na própria América Latina.

As revoluções hoje se processam, não mais nos pátios das casernas, e sim no amplo espaço da Nacionalidade. Foi assim a revolução fascistas e assim a revolução hitlerista. Está sendo assim, de certo modo, a revolução financeira de Roosevelt, dinamizada pelo que se pode chamar um verdadeiro misticismo econômico.

*

* *

Nós estivemos assistindo, no panorama brasileiro, ao espetáculo degradante de uma Constituinte que não soube compreender o instante histórico. Muitos acham que ela

deveria ser dissolvida por um golpe semelhante ao 18 Brumário.

O anacronismo é tão flagrante, que se chegava a falar até em granadeiros...

Nada mais absurdo. Estamos a uma distância de 100 anos de Bonaparte. As circunstâncias são outras, absolutamente outras. A dissolução da Constituinte substituiria a imoralidade organizada pela moralidade desorientada.

O que cumpre fazer é o que o Integralismo está fazendo: a organização de uma força nacional consciente, capaz de, um dia, apoiar a idéia salvadora de um Estado Novo.

As massas populares já estão desiludidas dos taumaturgos e caudilhos e dos messianismos estúpidos que exprimem estados de barbária. Já ninguém se ilude com a solenidade de um chapéu armado e muito menos com os botões dourados de uma farda. O povo hoje exige idéias claras e energia de afirmações. Quem falar ao povo de um modo mais claro criará a grande unidade. É sobre essa unidade de pensamento que se cria a unidade da força.

De força verdadeira, isto é, a que se ilumina de pensamento. Porque uma espada hoje nada valerá se não trouxer o brilho de uma idéia.

Há um novo sentido de heroísmo: do sacrifício da luta, da tenacidade, da cultura. A força criadora das Pátrias. A força da Idéia que, só ela, altera o curso da História.

XI
Ao Conselho dos Anciões

Repousai à sombra de vossa árvore, ó velhos, porque nós continuaremos, pelo rigor da intempérie, ao sol e à chuva, a caminhar com a nossa inquietação permanente.

Vós descansareis, no remanso da ordem legal, porque vos fatigastes, desde 1930, quando o temporal varreu o país, de norte a sul, arrancando das florestas humanas as raízes das secretas aflições.

Estais exaustos, ó anciões, porque não tínheis o hábito de sair dos vossos cómodos, embora a invernia chicoteasse, lá fora, o povo, cujas necessidades jamais compreendestes. O sufrágio popular era o vosso pijama folgado; os congressos, o amável clube da vossa displicente democracia; o habeas-corpus, as suaves pílulas para as irregularidades do regime liberal. A constituição representava a paz do espírito, e era tão agradável recorrer aos seus dispositivos, como afundar nas poltronas e fumar um charuto.

A legalidade já vos fazia falta, porque ela tem isso de bom: evita o trabalho de pensar.

Nada mais terrível para vós, ó velhos, do que serdes obrigados a meditar, a conjecturar. Detestais toda a

tormenta da vida interior, os tremendos enigmas dos problemas humanos e das questões graves da Pátria. Um país em revolução é para vós, ó homens de idade avançada, tão incômodo como se vos faltassem as mil pequenas causas de vossos hábitos pacatos, cultivados em quarenta anos de vida material, sem finalidade, sem inquietações.

Esses problemas, que estão permanentemente de pé, e que nos preocupam, a nós, que continuamos aflitos, apesar da vossa Constituição, podeis agora relegar aos cuidados do próprio jogo dos acontecimentos, na evolução determinista da democracia liberal.

No inclemente deserto das angústias coletivas, tendes, agora, a vossa árvore frondosa. É o mesmo tronco de 1891, que transportastes, como a Arca da Aliança, através do nomadismo de 1930 a 1934, em que não sofrestes as torturas da Nação, mas padecestes a falta de comodidade e andastes sedentos e famélicos, por vos faltar o alimento da politicagem e o maná do mínimo esforço, que o direito consagrado e bolorento das tulhas da velha chicana jurídica, vos facultava a cada passo.

Vós, que preferis ao alimento eternamente renovado dos povos ágeis e moços, a fruta da mesma árvore com que se fartaram os últimos homens do Império e os primeiros da República, ficai com a vossa Constituição. Ela vos dará tudo. Tereis, novamente, o Brasil dividido em vinte nações rivais; tereis, outra vez os municípios escravizados ao partido situacionista de cada Estado; tereis, de novo, o cangaceirismo, o coronelismo e o bacharelismo; tereis, repetidos, os congressos estaduais dominados pelos

sátrapas de cada província, e os congressos federais, com bancadas de todas as naçõeszinhas regionalistas, entre as quais não vermos a bancada do Brasil; tereis, de quatro em quatro anos, eleições para presidente da República, as quais servirão de pretexto a novas revoluções; derramareis, nas lutas fratricidas, o sangue dos inocentes e acendereis o ódio entre os filhos da mesma Pátria; desfiabreis o caráter dos humildes, dos dependentes, obrigando-os a votar dentro de uma privada, onde a ingratidão ou a covardia exalarão seu fetido suor; oprimireis os fracos, colocando-os ao lado dos fortes em iguais condições e direitos; permitireis que a imprensa se venda a particulares, a estrangeiros, usando da liberdade de prostituir-se; continuareis materialistas e pedantes, cosmopolitas e tão liberais que permitireis que burgueses se entreguem a todas as imoralidades, enquanto as vossas polícias cortariam o sabre os operários envenenados por esses mesmos burgueses gozadores; formareis vossos partidos e vos odiareis mutuamente, enchendo as colunas dos jornais com escândalos; esquecereis todas as angústias de cinquenta milhões de brasileiros, que continuarão a sofrer todos os vexames do capitalismo internacional; manterieis nossa Pátria, de acordo com vossa Constituição, como uma colônia de Rothschild e um campo de propaganda de Trotsky; perturbareis a Segurança Nacional coonestando com o velho Estatuto a existência de organizações extremistas, mascaradas, de liberalismo e falso nacionalismo; facilitareis o triunfo completo do comunismo! Deveis estar satisfeitos, ó velhos!

*

* *

Ficai à sombra de vossa árvore. Comei o vosso fiambre mumificado. Bebei na limpia dos direitos antigos.

Nós continuaremos na tempestade, batidos pelo vento do século, pelas rajadas das lutas vivificadoras, sem temer os raios de todos os infortúnios que flamejam sobre nossas cabeças.

Nós comeremos o pão amargo do ostracismo, das perseguições e dos sofrimentos que retemperam, que dão aos nossos nervos a dureza do aço. Não nos dessedentaremos na fonte dos vossos direitos, mas mitigaremos nossa sede de justiça na água viva dos deveres que nos impomos e que imporemos à Nação.

Levamos conosco as dores de uma Pátria. Dela sairão milhares de soldados que marcharão na nossa marcha.

Ficai com a vossa Carta Constitucional, capa preta de comunistas e banqueiros; nós ficaremos com a revolução que não é de "armas", como as vossas medíocres maçarocas, porém de "ideias", porque essa nossa revolução não está morta e caminha inquieta e torturada, espiritual e profunda, apesar de todos os Te-Deuns que se cantaram para festejar a sua morte.

Podereis dormir, ó velhos, à sombra da vossa árvore benigna. Nós não dormiremos. Estaremos perpetuamente insones.

Deus acordou o Brasil. O odor dos vossos entorpecentes não perturbará nossa vigília sagrada.

Retumba, por todo o território do país, o nosso passo firme. Um espírito imortal palpita em nossas bandeiras, vibra no hálito das nossas legiões e canta no clamor dos tambores dos "camisas-verdes", que retumba na hora do crepúsculo, de um amanhecer de alvorada!

XII
Nós e os escravos de Stalin

O comunismo vive como satélite de Moscou, recebendo a luz vermelha de diretivas internacionais; o Integralismo fulgura como um sol, projetando o seu clarão sobre o mundo contemporâneo.

O comunismo não apresenta nenhuma originalidade: é o mesmo bolchevismo russo, a mesma social-democracia alemã, o mesmo socialismo francês, o mesmo trabalhismo inglês, o mesmo fabianismo, o mesmo radicalismo, o mesmo agrarismo, o mesmo sindicalismo revolucionário, tudo expressão da zurrapa marxista, da técnica soreleana, ou do evolucionismo darwiniano recebido em segunda mão.

O Integralismo é coisa nova, interessante, século XX, espírito da América, manifestação de um Novo Pensamento, a produzir uma Nova Sociedade, uma Nova Economia.

O comunismo é uma cópia servil. O Integralismo é uma doutrina original.

O comunismo recebe palavras de ordens do Exterior. O Integralismo traça novas diretrizes aos povos.

O comunismo obedece a autoridade que não está no país; ainda agora os comunistas franceses declararam no Parlamento que seu chefe é Stalin e outros dizem que sua pátria é a Rússia.

O Integralismo não obedece a estrangeiros; seu chefe é nacional e acima dele não há chefes internacionais.

O comunismo recebe dinheiro de fora do país. O Integralismo arranja-se com a prata da casa, vive do esforço dos próprios integralistas.

O comunismo precisa ocultar-se sob a máscara do “nacionalismo”. O Integralismo não usa máscara: fala claramente o que quer.

O comunismo faz causa comum com os liberais, batendo-se pelas famosas “liberdades democráticas”. O Integralismo não é caudatário do liberalismo.

O comunismo publica livros traduzidos. O Integralismo publica livros originais.

O comunismo é orientado por técnicos estrangeiros. O Integralismo é dirigido exclusivamente por brasileiros.

O comunismo no seu próprio ritual é um tributário do soviete russo: seu cumprimento é um punho fechado e um grito: “URSS”!

O Integralismo é profundamente autóctone: seu cumprimento é o braço erguido para o céu, como fazem os índios brasileiros, e o grito que parte de um “camisa-verde” é o “Anauê” das tabas selvagens dos tupis americanos.

O comunismo adota uma bandeira vermelha com a foice e o martelo, a mesma bandeira de todos os comunistas do mundo, que resolveram ser vassalos dos comissários do povo, judeus da Rússia. O Integralismo, se fosse uma cópia do Fascismo, adotaria o “fascio littorio”, e se fosse uma cópia do Hitlerismo, adotaria a cruz “suástica”; entretanto, sua bandeira é azul e branca e seu símbolo é o “Sigma”, que indica uma nova filosofia de vida.

O comunismo usa sempre de palavras que são verdadeiros “lugares comuns”, verdadeiras chapas que já se

tornaram ridículas: “luta contra o imperialismo e o fascismo”, “socialização dos meios de produção”, “′pressão das massas”, “liberdades democráticas”, etc. O Integralismo criando um novo sentido de vida e tendo uma concepção nova do universo, tem a sua própria técnica, a sua própria linguagem.

O comunismo é uma cópia a papel carbono. O Integralismo é um documento original.

Os ignorantes, que nunca leram as obras integralistas, quando falam em público sobre essa doutrina, não reparam que estão se expondo a um ridículo tremendo, ao afirmar que o Integralismo é uma cópia do Fascismo. Quem são eles? Os liberais, que querem aplicar aqui o velho liberalismo inglês que já faliu na Inglaterra e o velho democratismo francês ou americano, que já faliram redondamente nos seus países; ou então os socialistas de meia tigela, que faliram com o trabalhismo de Mac Donald, com a tentativa judaica de Weimar, com os ministérios belgas e franceses, que tendo tido o governo nas mãos, nada fizeram, com os governos esquerdistas da Espanha, que lançaram o país nas garras da anarquia. São esses os que dizem que copiamos. Dizem sem nunca terem lido o que dizem mais de vinte volumes que o Integralismo já publicou. A sua ignorância a respeito do Integralismo é de causar dó.

Se, para argumentar, dermos que a concepção do Estado segundo o Integralismo é a mesma da Itália, da Alemanha, da Áustria, de Portugal, ainda aí seria leviandade dizer que o Integralismo é uma cópia. Basta raciocinar um

pouco. Que concepção de Estado seria essa? A do Estado Nacionalista, autoritário, interventor, diretor da Economia. Perguntamos: será possível constituir esse Estado Nacional, copiando um Estado estrangeiro? Então não seria nacional e o princípio doutrinário teria caído por terra. Isso quer dizer que, mesmo dada a hipótese de que a concepção doutrinária do Estado fosse absolutamente idêntica entre Fascismo, Hitlerismo, Salazarismo, Dollfismo, Integralismo, isso só demonstraria que cada uma dessas manifestações políticas são absolutamente originais. Por que? Porque o "princípio" sendo o nacionalismo, não haveria mais nacionalismo no dia em que umas copiassem as outras.

O mesmo não se dá com o liberalismo democrático nem com o comunismo russo.

O liberalismo é uma cópia servil; o comunismo é uma roupa de carregação.

O Integralismo, entretanto, é uma nova concepção do universo e do homem, segundo o sentido novo do Século XX.

O comunismo está raciocinando com a mesma cabeça que seus antepassados raciocinaram em 1849. O comunismo, como disse muito bem Henri de Man, é uma "forma particular de uma mentalidade geral do século XIX". Isso quer dizer que o comunismo não se limita a ser um tributário, um vassalo dos judeus russos; é também tributário, um vassalo, um escravo de uma forma de mentalidade, que predominou nos meados do século passado e que terminou seu ciclo na Grande Guerra.

O Integralismo não renega o cabedal científico fornecido pelo século XIX. Utiliza-se das conquistas experimentais do século XIX, porém não se escraviza à forma de mentalidade de uma época em que os cérebros se acostumaram a certo processo de pensar inerente aos hábitos do próprio experimentalismo científico.

Esse experimentalismo científico tendo ido aos extremos da análise, atingiu as sínteses supremas. No campo da química, por exemplo, essa marcha é evidente. No campo da astronomia e da matemática, essa nova forma de pensar é uma das expressões mais surpreendentes do século XX. Não é possível, depois da teoria dos iônios e depois do relativismo einsteiniano, raciocinarmos com a mesma mentalidade do tempo de Lavoisier e de Newton. A própria história, depois dos métodos de Spengler, adquiriu um poder de supervisão imprevisto aos homens de sobre casaca dos tempos passados. A sociologia ganhou uma capacidade nova, depois dos métodos intuitivos de Keyserling. No entanto, o comunismo ainda está raciocinando, em tudo e por tudo, com o cérebro velho. É como alguém se vestisse com sobrecasaca, chapéu armado, botinas de elástico, gravata de filó negro. E o curioso é que se dizem modernos!

Esses comunistas que, na maior parte nunca leram Marx e nunca se interessaram pela sorte do operário, usam da velha demagogia leninesca de uma época que já passou e alardeiam nos salões burguezotes, a sua grande novidade em matéria de filosofia, de sociologia, de política: Freud.

A grande tisana deles é Freud. Serve para tudo. O desenvolvimento das pesquisas científicas de dezenas de psicólogos experimentais, entre os quais Grasset, que Freud ofereceu num esforço aplicado em restrito campo das ciências universais, foi transformado num charlatanismo bem característico dessa “forma de mentalidade” inerente ao século XIX, a que se refere Henri de Man. É sempre a aplicação de um princípio particular adstrito a um pequenino espaço da ciência, à interpretação geral dos fenômenos, vício rigorosamente marcante do processo mental do século passado. São as inúmeras “chaves” dos enigmas que esses supersticiosos crenderios passadistas sempre usaram e que tiveram, em fases diversas, outros nomes, conforme vinham de Spencer, de Haeckel, de Lapouge, de Gumplowicz, de Marx, cada qual unilateral na consideração do mundo e dos seus movimentos.

O Integralismo é uma concepção absolutamente século XX e não é mesmo para entendida por macacos, por copiadores servis, por tributários passivos, por indivíduos incapazes de compreender a época em que vivem.

É por isso que a maneira de sermos tratados, nós os integralistas e os comunistas, pelos estrangeiros, é muito diferente.

Ainda agora tenho em mãos uma carta do prof. Richard Pattee, da Universidade de Porto Rico, falando-me da repercussão que está tendo nas Antilhas, a doutrina integralista, e pedindo-me mais livros, afim de satisfazer a curiosidade despertada pelo nosso movimento em Porto Rico, em Cuba e em todas as Antilhas.

Tenho aqui uma carta do Chile, assinada pelo sr. Carlos Grez Perez, fazendo idêntico pedido, dado o vivo interesse que temos despertado na gloriosa República do Pacífico. Os "apristas" do Perú, pediram aos nossos companheiros de Manaus, conforme escreve o chefe provincial do Amazonas, material nosso, dada a curiosidade em torno do nosso movimento. Na Argentina, o nosso "Manifesto de Outubro", publicado em língua espanhola, despertou um sentido novo e provocou tal interesse, que ainda neste momento estou atendendo a um pedido de uma grande agência telegráfica, que quer uma entrevista, longa e minuciosa, para um grande jornal portenho. Nossos livros têm encontrado uma enorme acolhida em Buenos Aires. Nos Estados Unidos, o jornal mais importante "New York Times" publicou um longo artigo a nosso respeito. Isso tudo na América.

Na Europa, basta dizer que, pela primeira vez, o Brasil é solicitado em vez de solicitar. Eu nunca escrevi a organizações europeias, nunca lhes pedi coisa alguma. Entretanto, da Inglaterra nos pediram livros porque nosso movimento repercutiu lá. Em Portugal, longos estudos têm sido publicados a nossa respeito. De França, recebo o pedido de uma entrevista minuciosa para "Le Temps", o jornal de maior prestígio de Paris.

É que, apesar dos comunistas analfabetos e dos liberais ignorantes insistirem em nos julgar sem nos ter lido nunca, apesar de se colocarem numa posição cômoda de cretinice, procurando ridicularizar o Integralismo, atitude essa que irá causar riso das gerações futuras, o movimento

do Sigma, tendo já se irradiado por toda a nossa carta geográfica, projeta a sua luz própria, intensa. sobre o Exterior.

Esta é a doutrina nova do século XX. Este é o pensamento genuíno da América, do extremo ocidental. Esta será a marcha do Ocidente contra o Oriente. É daqui que partirá a palavra nova ao mundo.

Os comunistas, míseros satélites, sem luz própria, pobres vassalos da III Internacional, párias da grande casta dos judeus internacionais, escravos do soviete russo, mercenários da nova Cartago, opressores do operário, autômatos das palavras de ordem estrangeiras, esses não interessam, absolutamente, lá fora.

Quem, fora do Brasil, se interessa pelo comunismo brasileiro? Que tem ele de original? Ele é uma cópia servil, e nada mais.

E quem os considera assim, quem os julga assim, não somos nós. É o próprio Stalin. No ano passado, perguntado por um jornalista que pensava o Czar Vermelho dos comunistas sul-americanos, ele respondeu textualmente:

— Eu não penso neles; eles é quem devem pensar em mim.

Brasileiros! É contra essa miséria moral que nós, os integralistas brasileiros, nos levantamos!

Brasileiros! Nós, os integralistas, não temos que dar satisfações a estrangeiros! Não admitimos aqui palavras de ordem, nem de Stalin, nem de Hitler, nem de Mussolini,

nem de Trotsky. Somos independentes. Somos dignos. Somos altivos. Somos livres. Esses que clamam pelas "liberdades democráticas" são míseros escravos.

Stalin não pensa neles. Eles é que devem pensar em Stalin!

XIII
Sofrei, sonhadores do bem!

Compreendo agora, mais do que nunca, o motivo porque os temperamentos delicados, as organizações nobres do coração, do cérebro, da sensibilidade, votam um profundo horror à ação prática, no campo da política, mesmo quando essa política é aquela que no dizer de Joaquim Nabuco, se escreve com "P" maiúsculo.

Difícil é construir uma Pátria, afirmei eu no discurso que pronunciei à beira da sepultura de Nicola Rosica, primeiro mártir da idéia do Sigma. Escrevendo, mais tarde, um artigo sobre "O drama dos construtores de Pátrias", repeti esse pensamento.

As dificuldades são de todos os aspectos e natureza, porém as maiores não são aquelas oriundas da agressividade adversária no campo da luta das idéias ou mesmo das ameaças de violências; essas seriam as únicas

justificáveis numa campanha que objetiva mudanças radicais numa velha sociedade.

O que neurasteniza, aborrece, enjoa, numa luta, como esta, em que nos empenhamos, é o despertar das larvas de todos os lixos humanos, o fermento pútrido de toda a imensa vasa que o lutador tem de pisar, atravessando os ambientes sociais inevitáveis numa áspera marcha para o ideal.

Confesso aos camisas-verdes que tenho meus dias de tédio infinito, de um "spleen" acabrunhante, e isso se dá quando vejo o rastejar de répteis de certa espécie de adversários que temos, incapazes de discutir idéias, incultos, quase analfabetos, porém de caráter perverso, instintos cruéis e atitudes repugnantes.

O Integralismo é um sistema de idéias. Como tal deve ser discutido. Mas discutido, em face dos textos de nossa doutrina, em face da realidade do que dizemos todos os dias.

Os nossos adversários, porém, não podem discutir idéias por serem ignorantes e odiarem toda sorte de discussão superior em que se sentem asfixiados. Nestas condições, o que fazem? Remexem-se no lodo. Mentem. Caluniam. Injuriam. Deturpam. É o seu único processo.

Dispondo de elementos de redações de jornais e em agências telegráficas, dão-se ao sport dos carapetões rídiculos e das interpretações envenenadas de todos os fatos, que eles apresentam como lhes convém. Dispondo de gente de uma sórdida burguesia, medíocre e odienta contra

todas as manifestações superiores, intrigam, armam ciladas, preparam canalhices de toda a espécie. Dispondo de algumas dúzias de imbecis, sem capacidade ao menos para criar um pouco de humor e de ironia fina, caem no deboche grosseiro, na chalaça torpe. Contando com a boa fé das massas, inventam toda a sorte de infâmias, que publicam, safadamente, com o velho descaramento a que Ruy Barbosa se refere numa luminosa página sobre Aretino.

E dizer-se que todo o homem que se dispuser a trabalhar por sua Pátria terá de encontrar esses répteis no seu caminho! E dizer-se que todos os que se sacrificam incendiados de amor pela sua terra e pela sua gente, terão de atravessar esses pântanos! E dizer-se que todos os bons serão atassalhados! Todos os sonhadores escarnecidos! Todos os lutadores apedrejados!

Todo homem público terá de sorver esse cálice de amargura. Quem escapou dele? Pois até hoje não se reproduzem infâmias contra César? Até hoje não pesam sobre Platão as insinuações perversas de Aristófanes, o calaceiro superficial que fez rir as multidões da Grécia?

A interpretação dos fatos quotidianos, por pessoas mesmo de boa fé torna-se ridícula em face da realidade desses mesmos fatos; calcule-se quando essa interpretação traz uma dose de maldade...

Napoleão Bonaparte escreve, com muito acerto, esta frase admirável: “Les véritables vérités sont bien difficiles à obtenir pour l’histoire. J’ai vu me disputer à moi la pensée de ma bataille, me disputer i’intention de mes odres et

prononcer contre moi. N'est ce pas le démenti de la créature vis-a-vis de celui qui a crée?"[1]

Isso quer dizer que os acontecimentos narrados por várias pessoas tomam os aspectos os mais diferentes. É daí que os caluniadores, os injuriadores, tiram a possibilidade de suas invencionices, contra todos aqueles que audaciosamente se projetam na vida de um país, pretendendo mudar o eixo da história.

Quem ler a vida de George Washington, hoje considerado o maior dos americanos mortos, o fundador da Pátria, horripila-se diante das calúnias e injúrias que ele sofreu. Acusaram-no de tudo, até de ladrão! Na sua extrema pobreza, o herói nacional, autor da Independência Americana, foi acusado de ter recebido dinheiro estrangeiro e de dilapidar o erário! Um homem de coragem quis defendê-lo. Foi Hamilton. Esse homem foi apedrejado, ensanguentando-se diante da turba manobrada pelos foliculários, pelos sórdidos chacais que sempre acompanham os gênios na sua trajetória. Hoje, os descendentes dos caluniadores de Washington examinaram cheios de vergonha as páginas da vida desse homem que tudo sacrificou pela sua Pátria, porque ali encontrarão os nomes de seus bisavós na farandula dos maus e dos deturpadores dos fatos.

*

---

[1] Em tradução: "As verdades reais são muito difíceis de obter para a história. Vi os pensamentos da minha batalha discutirem comigo, a intenção das minhas ordens disputarem comigo e se pronunciarem contra mim. Não é esta a negação da criatura para com aquele que criou?"

* *

Quando isso se dá na vida dos grandes gênios que iluminam uma Pátria, não seremos nós, homens que temos apenas a boa vontade de salvar nosso Brasil que teremos direito de nos queixar das mentiras, das infâmias e torpezas de nossos inimigos.

No meio do tédio profundo em que nos envergonhamos do próprio gênero humano capaz de produzir tais Aretinos, temos de nos consolar com estas palavras de Cavour, glória imortal da Itália: “desde que entrei na carreira política, aprendi a suportar as injúrias, as calúnias, as insinuações malignas; desprezei-as no começo, quando vinham das praças e tinham por intérpretes “imbecis jornais”; hoje não as desprezo menos, quando levantam dos bancos dos negociantes e dos salões dourados”.

Camisas-verdes! Não há outro remédio, senão enfrentar esta tempestade de lama. Não podemos ter a pretensão de sermos melhores e mais afortunados do que Bolívar, Sócrates, José Bonifácio de Andrada e Silva e todos os que lutaram pela grandeza de uma Pátria. Lembrai-vos que George Washington, acusado de gatuno, vendilhão da Pátria, de traficante vulgar, chegou, no auge do sofrimento, a dizer: “eu me sinto mais feliz morrendo!”. E, enquanto ele assim dizia, depois de ter outorgado a independência à sua Pátria, depois de ter rejeitado a coroa de imperador, depois de dar tudo ao seu povo, encontrando-se na mais comovente pobreza, um foliculário da época escrevia num pasquim desses que sempre aparecem quando alguém quer

levantar as forças de uma Nação: "nunca houve país mais prostituído por um homem do que a nação americana foi prostituída por George Washington, criminoso notório, larápio vulgar, pior do que um Nero".

Hoje, esse larápio, esse Nero, esse criminoso é o ídolo da Grande Pátria, o símbolo de um Povo, a glória imortal de uma Nação. Os jornais ficaram amarelados nos museus mostrando a infâmia dos inimigos da Pátria e a baixeza dos detratores do grande filho dos Estados Unidos da América. O grande Washington, porém, bebeu o néctar familiar dos gênios: a amargura!

Tudo isso é conforto, para nós, pequeninos, que temos a petulância de querer libertar o Brasil, transformar este país escravizado numa grande Nação.

*

*   *

Nas horas de tédio, de enjoo, de repugnância, leio a vida desses homens. Então compreendo porque, em vez de discutirem nossas idéias, nos acusam de receber dinheiro de Hitler, de Mussolini, de sermos estipendiados pelos capitalistas, pela burguesia e pelo clero. Compreendo porque motivo também a burguesia e certa parte do próprio clero nos combate, senão diretamente, pelo menos por vias indiretas. Compreendo porque nos "salões dourados" a que se refere Cavour, o nome do vosso Chefe é objeto de criticazinhas muito baixas. Nesses salões dourados se comenta muito mais a protérvia dos foliculários de baixa estofa do que em qualquer outro lugar.

Compreendo qual o motivo porque certos jornais e agências telegráficas deturpam acontecimentos, apresentando-os ao público sob um aspecto diverso. Compreendo porque razão nos bastidores da politicalha se concertam planos de desmoralização das pessoas que rodeiam o vosso Chefe. Compreendo tudo, integralistas! Essa sempre foi a arma dos medíocres.

A mediocridade não tolera coisa alguma acima do seu nível de pântano. A incapacidade congênita dos fracos de espírito, de coração e de caráter, não suporta a virilidade criadora e o ímpeto renovador dos fortes.

Olavo Bilac tinha razão quando escreveu que "eles" nem ao menos possuem "força na inveja e elevação no insulto". Mas foi também Olavo Bilac quem num soneto profético, anunciou a marcha dos "camisas-verdes", exclamando: "Nem sempre durareis, eras sombrias de miséria moral! A aurora esperas, ó Pátria! E ela virá com outras eras, outro sol, outra crença, em outros dias!"

E, prosseguindo no seu clamor divinatório, o poeta racial avisa: "Davi renascerá contra Golias; Alcides contra os pântanos e as feras!"

E o nosso Brasil, estou convencido, há-de, quer queiram ou não queriam esses que procuram humilhar-nos, ofender-nos, caluniar-nos, injuriar-nos, —o nosso Brasil há-de ser, quer "eles" queriam ou não queiram, uma grande Nação!

Sofrei, pois, ó "camisas-verdes"! É o imposto da vossa glória, o gosto amargo do triunfo e o martírio dos sonhadores do bem!

XIV
O Integralismo não é extremismo

A Ação Integralista Brasileira tem a sua existência e o seu funcionamento garantidos pelas leis do país e, principalmente, pela Constituição da República. Faculta esta aos brasileiros plena liberdade de associação, exceto no caso em que a associação vise pregar a guerra ou métodos violentos para subverter a ordem política ou social (art. 113, n. 12, combinado com o n. 9).

Ora, a Ação Integralista Brasileira, sociedade civil devidamente registrada e partido político também registrado no Superior Tribunal Eleitoral declara no art. 3° de seus Estatutos:

"A A.I.B. objetiva a reforma do Estado, por meio da formação de uma cultura filosófica e jurídica, de sorte que o povo brasileiro, livremente, dentro das normas da Constituição de 16 de Julho de 1934 e das leis em vigor, possa assegurar, de maneira definitiva, evitando luta entre provincías, entre classes, entre raças, entre grupos de

qualquer natureza e, principalmente, evitando rebeliões armadas: — a) — o culto de Deus, da Pátria e da Família; b) — a unidade nacional; c) — o princípio da ordem e da autoridade; d) — o prestígio do Brasil no Exterior; e) — a justiça social, garantindo-se aos trabalhadores remuneração correspondente a suas necessidades e à contribuição que cada deve dar à Economia Nacional; f) —a paz entre as famílias e entre as forças vivas da Nação, mediante o sistema cristão das corporações; g) — a economia que garanta: I — a intangibilidade da propriedade, até no limite imposto pelo bem comum; II — a iniciativa particular orientada no sentido de maior eficiência da produção nacional; III — a circulação das riquezas e o aproveitamento dos nossos recursos naturais em benefício do povo brasileiro; IV — a prosperidade e a grandeza da Pátria; h) — a liberdade da pessoa humana, dentro da ordem e da harmonia social; i) — a grandeza e o prestígio das classas armadas; j) — a união de todos os brasileiros".

Basta a análise desse artigo de seus Estatutos e das respectivas alíneas para se concluir que a Ação Integralista Brasileira condena os métodos da violência.

O Manifesto de Outubro

E isso é doutrina integralista desde o primeiro dia, muito antes da Constituição e da Lei de Segurança. A A.I.B. apareceu no cenário brasileiro com um documento que constitui a sua base e que foi publicado em 7 de outubro de 1932, ainda sob a dura lição dos erros que significam as insurreições armadas num país onde necessária se torna uma revolução cultural e espiritual profunda, capaz de

erguer mais alto a mentalidade da juventude que terá de dar os futuros estadistas da Pátria. Esse documento é o Manifesto de Outubro.

Naquele tempo ainda não existia a Lei de Segurança Nacional, que só veio em 1935, nem o atual ministro da Justiça era ainda esteio da ordem. Se o Manifesto de Outubro tivesse aparecido depois da Lei de Segurança, poderia parecer uma "saída" do Integralismo para se eximir à sanção penal. Mas, muito ao contrário, o Manifesto de Outubro foi possivelmente um documento que influiu na mentalidade de ilustres políticos brasileiros, que tinham sido outrora partidários de toda a sorte de violências e que agora estão transformados em pacatos cidadãos e conspícuos defensores da ordem pública.

O Manifesto de Outubro tomou esse nome, por ter sido publicado naquele mês, em 1932; ele, porém, tinha sido escrito em fins de maio daquele ano, justamente na ocasião em que muitos políticos iam à Europa comprar armamentos e outros conspiravam preparando a revolução. Foi pena que não o tivéssemos publicado logo, porque talvez tivéssemos que muitos brasileiros, tão úteis hoje à defesa da ordem, andassem nas infrutíferas confabulações que deram como resultado tanto sangue derramado. Nesse documento está escrito (cápitulo VI):

"Declaramos-nos inimigos de todas as conspirações, de todas as tramas, conjurações, conchavos de bastidores, confabulações secretas, sedições. Nossa campanha é cultural, é moral, é educacional, é social, às claras, em campo raso, a peito descoberto, de cabeça erguida. Quem

se bate por princípios não precisa combinar coisa alguma nas trevas. Nossa Pátria está miseravelmente lacerada de conspiratas. Políticos e governos conspiram".

Por que não foi publicado esse documento em maio? É que, na ocasião, se preparava uma revolução, e os então integralistas teóricos Almeida Camargo e Mota Filho aconselharam-me a esperar que a borrasca passasse.

De há muito, pois, que os integralistas são partidários da ordem, e isso de graça, sem interventorias nem ministérios, apenas convencidos de que com brutalidade não se salvará nossa Pátria.

Todos os integralistas atualmente inscritos e que estiveram nas revoluções de 22, 24, 26, 30 e 32 sabem que eu sempre afirmei, embora admire o heroísmo dos revolucionários, que o Brasil não se salvará com esses movimentos reflexos, subconscientes, e sim com um movimento cultural, moral e espiritual.

Esse Manifesto de Outubro de 1932, nos seus 10 capítulos, repete, incessantemente o pensamento de Paz, Ordem, Autoridade, Disciplina, Unidade Nacional, Concórdia e Harmonia Social. São capítulos longos. Vejamos, ao menos, algumas frases:

No Cap, I — "Os homens e as classes podem e devem viver em harmonia. Todos os homens são suscetíveis de harmonização social."

Passemos para o Cap. II; lá está: "Mas o Brasil não poderá realizar a união íntima e perfeita de seus filhos,

enquanto existirem Estados dentro do Estado; partidos políticos fracionando a Nação; classes lutando contra classes; indivíduos isolados exercendo ação pessoal nas decisões do governo. enfim todo e qualquer princípio de divisão do povo brasileiro". Só esse trecho é suficiente para mostrar como somos avessos à violência, à divisão que gera a luta.

Entrando no Cap. IV, vemos a afirmação do nacionalismo e a condenação da luta de raças; alí está o princípio de união do povo brasileiro, que os partidos regionais tentam separar cada vez mais para cruéis e sanguinolentas guerras fratricidas: "Temos de nos afirmar como um povo unido e forte, que nada mais poderá dividir".

Examinando o Capítulo V, surpreendemos um pacifismo quase gandhista, uma atitude de não cooperação com a politicagem e as conspirações permanentes, e esse capítulo termina falando da força integralista, que é força moral, força de vontade nacional, um dia organizada numa unanimidade impotente.

O Capítulo VI que esclarece o anterior, é uma condenação veemente, tremenda, aos métodos de violências, aos movimentos armados, à mazorca, segundo já vimos atrás; esse capítulo é tão forte que não pôde ser publicado em maio de 1932, devido à atmosfera de São Paulo, que poderia sufocar os moços idealistas que surgiram com a idéia da paz e da ordem quando o governo ali preparava a revolução.

A questão social é tratada no Capítulo VII e alí a doutrina é a da solidariedade, da harmonização de interesses, começando essa página com estas palavras: "A questão social deve ser resolvida pela cooperação de todos, conforme a justiça e o desejo que cada um tem de progredir e melhorar". O Capítulo VIII é um hino à intangibilidade, à autonomia, à liberdade da Família, à paz social. No Capítulo IX é focalizado o município mostrando-se quanto há de insensato nas lutas locais, na disputa das prefeituras por partido. Finalmente, o Capítulo X é um resumo de todos os outros e sintetiza o pensamento integralista de concórdia humana e de grandeza nacional.

Como se vê, muito antes da Lei de Segurança Nacional, que está apenas no papel, nós integralistas, escrevemos nos próprios corações dos camisas-verde os preceitos fundamentais da segurança da Pátria.

As milícias integralistas

As milícias integralistas não existem mais, desde o II Congresso Integralista de Petrópolis, realizado em março deste ano. Elas tinham sido mais uma ordem quase religiosa do que uma milícia. Cumpriram o seu destino. Elas tinham por missão arrancar a mocidade da Pátria das conspirações, que ainda hoje lavram numa parte da burguesia liberal; arrebatá-la à influência deletéria dos políticos mazorqueiros; afastá-la dos vícios elegantes, dos prazeres noturnos, que a desfibravam; levantá-la do desânimo, da apatia, do ceticismo; erguê-la do materialismo, da futilidade; libertá-la do domínio dos instintos; desmagnetizá-la, sacudindo-a da atitude de adoração ao

cosmopolitismo; destruir nela o lamentável complexo de inferioridade racial e nacional.

As milícias salvaram muitos moços até de doenças físicas, dando-lhes uma expressão de saúde e energia tão necessária à Pátria.

Nós acabamos com as milícias para evitar más interpretações dos hermeneutas comunistas que se infiltraram no poder liberal. Essas milícias desarmadas, respeitadoras das autoridades constituídas, ensinavam o otimismo, a alegria, o entusiasmo à juventude, e ao mesmo tempo, constituíam uma mobilização permanente, pronta a se pôr à disposição da ordem pública, nos instantes em que esta estivesse ameaçada pelos golpes dos extremistas. Da nossa disposição a esse respeito poderá atestar as próprias autoridades governamentais. Mas o fato é que acabamos com as milícias. Os políticos julgaram que, assim, teriam em disponibilidade os moços, para deles se utilizarem nas mazorcas e golpes armados que andam continuamente preparando até mesmo nas sombras dos palácios. Os integralistas, porém, aprenderam que os golpes de força não solucionam os problemas de uma Pátria onde o primeiro trabalho é criar a consciência da grande Nação.

Integralismo, Fascismo e Hitlerismo

Desde o primeiro dia tenho dito e repito que o Integralismo é completamente diferente do Fascismo e do Hitlerismo, porque a nossa missão é muito maior. Na Itália e na Alemanha existia anteriormente o “espírito nacional consciente”, existia uma Nação. No Brasil nada disso existia.

Cumpria criar a Nação. Criar uma Nação é fazer coisa absolutamente nova. Sobre essa base nova, lançar os lineamentos de uma civilização também nova. Não temos aqui os resíduos das civilizações mortas. Não temos aqui de carregar, como Zaratustra, um cadáver às costas. O povo é criança, o país é jovem, imensas as reservas de energia. É preciso criar a Nação. Essa obra exige ordem. Na anarquia nada se fará. Não estamos realizando trabalho para um quadriênio, nem para um decênio, mas estabelecendo tarefas para várias gerações.

Isto, que o Integralismo está fazendo, foi adivinhado por Olavo Bilac e por Farias Brito. Este grande filósofo, no "O Mundo Interior", escreveu estas palavras que têm um impressionante tom profético: "Ouve-se como que o ruído de uma música distante, a harmonia longínqua de um canto de guerra, como a anunciar a invasão de um exército salvador"...

A milícia integralista era a realização da profecia de Farias Brito. O sinal da alvorada. Ela, mesmo agora, que objetivamente não existe, é viva nos corações, porque não é uma milícia de "armas", porém de almas. E se alguém não entender isso, guarde para que seus netos leiam e eles entenderão.

A organização atual do Integralismo

A A.I.B. transforma as milícias em escolas de educação e cultura física. As finalidades da A.I.B. estão nos seus Estatutos:

a) – funcionar como um partido político, de acordo com o registro feito no Superior Tribunal Eleitoral;

b) – funcionar como centro de estudos e de educação moral, física e cívica.

De conformidade com a alínea a), funciona uma Secretaria Nacional de Organização Política, abrangendo os serviços eleitoral, e sindical, departamento feminino, assistência social, estatística, etc.

De acordo com a alínea b), funcionam as seguintes Secretarias Nacionais:

I) — De doutrina, com um departamento de filosofia, de economia pública, de direito, de pedagogia; outro de pesquisas sociológicas brasileiras, estudos de finanças, de administração, etc.

II) — De Cultura Artística, com departamento de música, pintura, escultura, arquitetura, literatura, etc.

III) — De Educação e Cultura Física, com departamentos de atletismo, ginástica, etc.

Finalmente, uma Secretaria Nacional de Finanças provê os recursos para essas despesas e uma Secretaria Nacional de Propaganda procura aumentar cada vez mais o número de adeptos.

Essas secretarias se repetem nos âmbitos provinciais e municipais.

Como se vê, a A.I.B. é uma organização de grande utilidade e alcance social cujos serviços são já enormes ao

povo brasileiro, independente de qualquer preocupação de ordem política. No último temporal da Bahia foi tal a benemerência dos integralistas, que a Assembleia Constituinte, pela voz unânime de todos os partidos, rendeu-lhe uma excepcional homenagem. O que a A.I.B. está fazendo para alfabetizar o povo, acudir à miséria dos necessitados, curar as moléstias tropicais e rurais do imenso interior brasileiro, é obra, que só mesmo vendo se poderá apreciar devidamente, quer nos subúrbios das grandes capitais, quer no recesso das matas, no sertão. Foi por isso, talvez, que diante de 3.000 camisas-verdes, o chefe municipal de Jaraguá, em S. Catarina, exclamou, enquanto todos choravam: “Chefe, se acabar com o Integralismo, nós não temos mais gosto de viver!”

Para fazer tudo isso, precisamos de ordem e que cessem as conspirações tanto esquerdistas como liberais e, por vezes, até à sombra dos governos.

O Integralismo e o poder

O Integralismo pretende alcançar o poder? Sim, o Integralismo pretende, mas o seu Chefe não faz nenhuma questão disso, porque o movimento não lhe pertence, mas pertence à Nação.

Quando pretende o Integralismo atingir o poder? Eis aí uma coisa que nunca preocupou os camisas-verdes. Se não forem eles, serão seus filhos, porque o essencial é salvar o Brasil, transformá-lo numa potência respeitada.

De que maneira pretende o Integralismo chegar ao poder? Pela conquista gradual, firme, alicerçada, sem

pressa, da consciência do povo brasileiro, de modo que, um dia, este se manifeste livremente.

Como pretende o Integralismo conquistar essas consciências? Honestamente, propondo a sua doutrina e deixando que o livre arbítrio de cada um decida.

Que processo usa o Integralismo para expor a sua doutrina? Dos processos adequados a cada degrau de capacidades intelectuais. Para os mais cultos, publica livros, tendo já lançado mais de 50 volumes contendo a filosofia, o fundamento jurídico, as bases econômicas e o esquema da estrutura política. Para os menos cultos, folhetos, boletins, artigos de jornal, pois temos já mais de 100 pequenos seminários modestos, em todo o Brasil, disseminando a nossa doutrina. E, finalmente, para os analfabetos, usamos da conversação, dirigindo-nos diretamente ao seu coração e ao seu entendimento.

Como poderá saber o Integralismo do progresso que está fazendo no país? Pela estatística das inscrições e pelos votos que se irão obtendo nas eleições, de acordo com a lei eleitoral e a Constituição.

Como o Integralismo se portará num caso de golpe comunista? Estará ao lado da ordem, seja ela qual for, ainda que sustentada pelos seus inimigos liberais.

O uso da camisa-verde

A letra c do art. 4 dos estatutos da A.I.B. diz que a nossa organização manterá cursos de educação física. O uniforme dos alunos dessas escolas é a camisa verde.

Tendo acabado com as milícias, poderemos usar a camisa verde? Perfeitamente, podemos, pois não há lei nenhuma que a proíba. Já há tempos, na Assembleia Constituinte, o deputado esquerdista Leydner propôs a proibição e ela caiu por uma esmagadora soma de votos. Quando por ocasião do estudo, discussão e aprovação da Lei de Segurança, o deputado esquerdista Rodrigues apresentou uma emenda proibindo organizações militarizadas e, nessa emenda, havia a palavra "uniformizadas". Pois essa palavra foi riscada, não passou, não figura no texto da lei.

Não existindo mais milícia, desde março, a A.I.B., entretanto está registrada como uma associação esportiva qualquer. Para existir milícia seria preciso que coincidissem os seguintes elementos: 1) postos militares hierárquicos; 2) exercícios que ultrapassassem os limites da simples "ordem unida", que se enquadra nas instruções ginásticas ou atléticas; 3) comandos e estados-maiores técnicos; 4) armamentos; 5) aquartelamento com serviços regulares de dia. Nada disso existindo na A.I.B., quer dizer que nem mesmo a antiga milícia desarmada, que de milícia só tinha a significação moral e os postos, nem essa existe mais.

A camisa verde, portanto, é um uniforme em idênticas condições aos uniformes de colégios, bandas de música, associações religiosas, associações recreativas, esportivas ou típicas de caráter regional ou nacional.

O uso da camisa verde, uma vez que não está explicitamente proibido pela Lei de Segurança Nacional,

fica, ipso-jure, garantido pelo artigo 113, n. 2 da Constituição de 16 de julho de 1934, que diz:

"Ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa, senão em virtude de lei."

A lei proibindo a camisa verde não existe, nem poderia existir, porque firmaria um princípio absurdo. Logo, os integralistas podem usar a camisa verde, cujo modelo foi até aprovado pelo Ministério da Guerra que, como se sabe, autorizou-o na ocasião oportuna.

O extremismo

O Integralismo é extremismo? Vejamos.

Pelo que se depreende do artigo 113 da Constituição da República e pelo texto da Lei de Segurança Nacional pode-se definir o "extremismo" como a doutrina que faz propaganda de guerra ou processos violentos para subverter a ordem política ou social.

A Lei de Segurança Nacional define o que seja a "ordem política e social", no parágrafo 1.º do seu artigo 22, dizendo: "é a que resulta da soberania, independência, integridade territorial da União, bem como da organização e atividade dos poderes políticos, estabelecidas na Constituição da República, nas dos Estados e nas leis orgânicas respectivas".

Para existir, portanto, crime contra a segurança nacional, é preciso que haja "propaganda de processos violentos para subverter a ordem política e social", sendo esta definida pela forma acima.

A Lei de Segurança, aliás, em cada um de seus artigos é clara, é precisa, não deixa dúvida nenhuma sobre o assunto. O pensamento do legislador é aquele que está contido no preâmbulo com que o projeto se apresentou à Câmara: é possível mudar-se o próprio regime, dentro das normas legais vigentes.

A propaganda de qualquer ideia é garantida pela Constituição da República, no art. 113, n. 4, que diz: “Por motivos de convicções filosóficas, religiosas ou políticas, ninguém será privado de qualquer dos seus direitos”.

No n. 9 do mesmo art. 113, a Constituição declara: “Em qualquer assunto, é livre a manifestação do pensamento”.

Ora, sendo livre a manifestação do pensamento, é claro que esse pensamento pode conquistar adeptos. Esses adeptos formarão uma corrente de opinião. Essa corrente pode avolumar-se, pode empolgar a Nação. A Nação é soberana e pode decidir. O pensamento se tornará ato, pela vontade e soberana da Nação, da maneira mais pacífica e legal.

Ou isso se dá, ou não existirá liberal-democracia, estaremos em pleno regime de ditadura. Aliás, a Constituição e a Lei de Segurança Nacional são claras quanto a isso. É punida a propaganda de guerra ou de processos violentos para subverter a ordem política e social.

O Integralismo faz propaganda de processos violentos? Os nossos documentos oficiais são: os estatutos, o

manifesto de outubro, as diretrizes integralistas, a entrevista que concedi há tempos ao “Correio da Manhã”.

Resta ver na prática. Todos os nossos boletins, manifestos, artigos, livros e conferências, sistematicamente, jamais falaram em guerra ou violência. Já publicamos mais de 50 livros. Nossos jornais aí estão saindo. Embora sem o controle, a censura dos poderes centrais do Integralismo, nunca surpreendemos um desses semanários pregando métodos violentos e brutais.

Temos dois anos de existência (1). Algum dia agredimos alguém? Os conflitos em que temos sido vítimas foram sempre promovidos pelos comunistas: em Baurú, na praça da Sé, em Petropólis, em Barra do Piraí, sempre fomos atacados porque até procissões e sacerdotes têm sido atacados por extremistas.

Tomamos parte, acaso nalguma conspiração liberal? Nós sabemos que essas conspirações e fazem. A ética individual, o cavalheirismo, a dignidade pessoal, não nos permitem dizer mais. Algum dia nos surpreenderam em conjuras?

(1) Esta página foi escrita em 1934.

Queremos um dia vencer, pela nossa força moral, pela vontade soberana da Nação, numa marcha imponente na História. Nesse dia, desarmados de armas de guerra, mas armados de esperança e de fé, os próprios homens do governo de então não serão os primeiros a reconhecer que a Nação está lhes manifestando pacífica, mas majestosamente, um pensamento e um desejo?

Analisemos, porém, mais a fundo o Manifesto de Outubro e vejamos, no último capítulo, que é uma síntese dos outros, se queremos conservar os poderes clássicos da República. No fundo, nós somos o ressurgimento da

democracia, por um processo novo da manifestação da vontade nacional.

Quais são as modificações substanciais que queremos introduzir no regime vigente?

Em substância, nada trazemos de anti-democrático, pois somos a democracia integral. Trata-se de um processo político, que, substituindo o sufrágio pelo voto dentro das corporações, somente altera o mecanismo da vontade popular, tornando-a mais nítida, mais forte, mais pacífica, mais ordeira, mais verdadeira, mais de acordo com os interesses da segurança nacional. Era artigo que publiquei há tempos, há bem tempos, condenei as ditaduras em termos veementes. Só os povos selvagens as toleram. Nós queremos em governo que esteja a salvo de agitações dos partidos que atentam periodicamente contra a segurança nacional.

Nossos pontos de vista no campo da administração pública, da ciência, das finanças, poderiam ser aplicados em qualquer regime liberal, sem alteração da ordem, e a prova é que Roosevelt está fazendo essa tentativa. Nós entendemos, apenas, que o governo não poderá executar um plano, como o da N. R. A. enquanto houver agitações e perturbações, pregação de métodos de violências, conspirações, anarquia.

Base científica das leis

Se os fatos sociais, impressionando o centro consciente da Nação, vão traduzir-se em normas jurídicas, a aplicação dessas normas deverá inspirar-se no

conhecimento dos fatos sociais, para a caracterização das figuras delituosas, quando se tratar de sanção penal.

As leis que não se inspiram nos fatos não terão base científica. Os seus interpretadores, não considerando os fatos, desvirtuam a índole das leis.

No caso brasileiro, cumpre indagar: — uma vez que se trata de sustentar a segurança nacional, quem são os criminosos que, habitualmente, têm atentado contra ela?

Somos forçados a estudar as revoluções, as sedições destes últimos decênios. A conclusão é fatal: os que atentam periodicamente contra a segurança nacional "são os partidos estaduais, os políticos regionais".

Na disputa hegemônica, eles preparam a guerra. Os atos que praticam são muito mais perniciosos do que a propaganda de violência. Os partidos estaduais fizeram a revolução de 30 e a de 32, a de 24 no Rio Grande do Sul, as agitações do Nordeste, desde 1910. Estudando-se com espírito experimental a nossa história nestes últimos tempos verificamos que os perturbadores contumazes da ordem política e social "são os partidos estaduais".

Existe, portanto, um erro que cumpre corrigir para que o Brasil não se esfalece. A unidade nacional periclita de quatro em quatro anos. A democracia periga ameaçada permanentemente de ditaduras subsequentes a golpes militares ou civis. De um momento para outro, uma conspiração burguesa pode abrir as portas a uma avançada comunista.

O Integralismo não quer destruir, quer corrigir para evitar uma derrocada. Não faz guerra a pessoas, mas pretende curar as doenças do regime, não destruindo-o, mas transformando-o, para que rejuvenesça. Quer criar um espírito nacional de entusiasmo pela grande Pátria. Dessa maneira, afastará os jovens das conspirações estéreis. O Integralismo não é um extremismo, nem do ponto de vista prático, como se viu, nem do ponto de vista teórico. É uma concepção filosófica, que engendra um novo sistema salvador dos princípios democráticos. É inimigo de todas as divisões, lutas, derramamento de sangue da mocidade da Pátria.

A alegria dos humildes

Quais os nossos princípios básicos? Deus, Pátria, Família, Unidade Nacional, Propriedade, Harmonia Social, Justiça. Ordem, Dignidade da Pátria.

Será extremismo querer ardentemente essas coisas?

Se isso é extremismo, então somos extremistas da honra nacional abrazados no mais extremo idealismo pela extrema grandeza e a mais extrema glória da Nação Brasileira!

Se formos castigados por isso, a História julgará os nossos algozes. Apenas lembramos aos homens públicos do Brasil: um dia, na mesma página, a posteridade apreciará os integralistas e os seus contemporâneos.

E mais: saiam um pouco do Rio, vão por esses sertões afora, escutem o caboclo da nossa terra, que despertou do seu marasmo nesta última esperança verde.

Ele ama esta bandeira que desfraldamos; a nossa camisa é a sua festa, a única festa da sua vida triste. Esta saudação gloriosa, com o braço erguido, à maneira dos índios tupis, repete-se nos imensos panoramas da Pátria. Pensem um pouco, antes de ir à casa do pobre e arrancar-lhe a única alegria, que é também a alegria de uma Nação que nasce e cujo crescimento um dia, pelo milagre desta crença, há de ser tão prodigioso, que ninguém deterá!